

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Johanna Ermacovitch Coelho

**INSERÇÃO DOS MENINOS NO UNIVERSO CULTURAL DA GINÁSTICA  
RÍTMICA: PESQUISA-AÇÃO NA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE  
GINÁSTICA**

Porto Alegre

2016

Johanna Ermacovitch Coelho

**INSERÇÃO DOS MENINOS NO UNIVERSO CULTURAL DA GINÁSTICA  
RÍTMICA: PESQUISA-AÇÃO NA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE  
GINÁSTICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre  
2016

Johanna Ermacovitch Coelho

**INSERÇÃO DOS MENINOS NO UNIVERSO CULTURAL DA GINÁSTICA  
RÍTMICA: PESQUISA-AÇÃO NA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE  
GINÁSTICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciência do Movimento Humano.

Aprovada em: 29 de Novembro de 2013.

Banca Examinadora:

Dr. André Luiz dos Santos Silva

Dr. Fabiano Bossle

Dra. Roberta Cortez Gaio

Essa tese é dedicada ao meu avô materno, senhor Demião Ermacovitch (*in memoriam*),  
que durante minha vida escolar me levou e buscou a escola e aos treinamentos de  
Ginástica Rítmica em seu fusca vermelho, dando carona a todos que precisavam, me  
ensinando que tudo que a gente tem é para ser dividido com os outros.

## AGRADECIMENTOS

Enquanto leitora de TCCs, dissertações e teses, costumo ler primeiro os agradecimentos do autor. Em minha opinião, é lá que o autor pode retirar um pouco da necessidade de uma escrita acadêmica, deixando transparecer assim, o que ele/ela é “fora” daquele texto e “fora” do processo de escrita de algum trabalho. Nessa lógica, meus agradecimentos são uma tentativa de que apareça nas palavras um pouco da Johanna, que teve ao seu lado muitas pessoas especiais nesse período de doutoramento, principalmente na fase final.

Início agradecendo a mais recente oportunidade profissional, através do convite feito pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, para que eu assumisse as disciplinas ligadas às Ginásticas dos cursos de Educação Física em seus diferentes campus: Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Vacaria. Apesar dos desgastes das constantes viagens, a possibilidade de mostrar aos acadêmicos um pouco do “mundo da ginástica” me motiva cada vez mais a continuar.

Ainda profissionalmente, não poderia deixar de mencionar quatro ex-colegas de trabalho na FUNDERGS, fundação que trabalhei em período anterior à UCS. Jorge, Pedro Paulo, Luiz e Vidal: com vocês foi que eu realmente aprendi a profissional que quero ser. Obrigada a cada um do fundo coração! Vocês me ensinaram que é no grupo que somos fortes e que uma equipe de trabalho é sempre uma possibilidade de aprendizado não só profissional, mas também de vida quando tantos traços de diferentes personalidades são capazes de potencializar a realização de uma meta em comum.

À Federação Riograndense de Ginástica, especialmente ao presidente, João Carlos Oliva, que sempre me deu liberdade e acreditou nos projetos que busquei

[Digite texto]

desenvolver. Beta, Carol e Mari, integrantes do Comitê Técnico de GR, obrigada pela dedicação aos eventos da FRG! Incluo aqui também os meninos e meninas praticantes de GR, sem eles/elas essa tese não seria possível de ser elaborada.

À ESEF/UFRGS por ser o local onde encontrei minha “muito mais que orientadora”: Silvana. Já são 16 anos de convivência e, nesses anos, ela me conquista pela mistura de competência e simplicidade. Sil: te considero minha “mentora” e és meu exemplo de vida vivida no bem! Leiloca: também fizeste parte de tudo isso e moras no meu coração. André: saibas que te considero meu “cúmplice acadêmico”, já dividimos bons e ótimos momentos acadêmicos de escritas, apresentações, desafios e outros e espero que ainda possamos dividir (e multiplicar) muito mais! Agradeço também à Naila, pela revisão dedicada dessa tese e à Eloá e à Jú, amigas de longa data da GR, pela edição cuidadosa do DVD que acompanha essa pesquisa.

Acredito que quando agradecemos à família, agradecemos a todos que de uma maneira ou outra influenciaram na nossa criação, na nossa maneira de ver e compreender o mundo. Cada um do seu jeito, de uma perspectiva diferente, muitas vezes com opinião contrária a nossa, mas sempre com muito AMOR. E, para mim, família é isso: um sem fim de possibilidades de amar.

E como dizem por aí: o que vem por último é sempre o melhor. E aqui, é mesmo! Agradeço muito ao “pessoal lá de cima” por me dar força e inspiração em todas atividades da minha vida. Tenho muita fé nas boas influências e acredito que através do trabalho com empenho e dedicação todos nós chegamos muito mais longe do que um dia poderíamos pensar que chegaríamos. E, ao nosso lado, nessa trajetória, acredito que estamos sempre acompanhados de espíritos de luz, que nos guiam, nos influenciam e nos protegem para continuarmos vivendo no bem.

[Digite texto]

E, por último, quero deixar registrado que, para mim, a melhor maneira de agradecer tudo de bom que recebemos é baixar a cabeça e continuar em frente, apostando na vida! O meu “muito obrigada a todos” tem esse sentido: podem apostar que não paro por aqui. Sou abençoada com a possibilidade de unir uma vida profissional a uma vida em família baseada no amor. Minha vida hoje é isso e continuarei essa jornada por aqui, todos os dias com muito trabalho e muita dedicação em qualquer atividade que me for confiada!!!

## RESUMO

Ancorada na perspectiva de pesquisa proposta pelos Estudos Culturais e de Gênero, realizo essa tese que tem como objetivo descrever e analisar o movimento de inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica (GR) a partir das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica (FRG). Baseada nos/as autores/as que operam com a terminologia gênero como categoria de análise relacional temos que as masculinidades e as feminilidades são produzidas e reproduzidas em diferentes espaços, culturas e tempos. O esporte como um campo generificado também apresenta meninos e meninas atletas de diferentes maneiras e, com isso, produz e reproduz masculinidades e feminilidades possíveis de serem representadas. Analisando alguns livros técnicos/didáticos de GR podemos perceber como a modalidade foi criada e pensada de/para mulheres. Porém, estudar, discutir e rediscutir as possibilidades de meninos praticarem GR no Brasil se faz necessária em todos os âmbitos do ensino da Educação Física (da Educação Física escolar aos eventos competitivos), uma vez que a GR praticada atualmente já não é a mesma GR praticada na época de sua criação. Através da realização de pesquisa-ação na FRG, programando regulamentos que contemplem a participação dos meninos em eventos e competições de GR, busco visibilizar que os meninos podem ser pensados como praticantes em potencial dessa prática esportiva, assim multiplicando as formas de pertencer ao universo cultural da GR. As repercussões dessa iniciativa do RS também são analisadas e apontam para a necessidade de uma institucionalização das ações com esse intuito, através das entidades responsáveis pela organização da modalidade no Brasil.

**Palavras-chave:** Gênero; Ginástica Rítmica; Pesquisa-ação

## ABSTRACT

Based in research perspective proposed by the Cultural and Gender Studies, realize this thesis aims to describe and analyze the insertion movement of the boys in the cultural universe of Rhythmic Gymnastics (RG) from the initiatives of Riograndense Gymnastics Federation (RGF) . Based on the author those operating with gender terminology such as relational analysis category have to masculinities and femininities are produced and reproduced in different places, cultures and times. Sport as a gendered field also features boys and girls athletes in different ways and, therefore, produces and reproduces possible masculinity and femininity to be represented. Analyzing some technical books of RG we can see how the sport was created and thought of/for women. However, study, discuss and re-discuss the possibilities for boys practice RG in Brazil is needed in all areas of teaching physical education (school physical education to competitive events), since the RG currently practiced is no longer the same RG practiced at the time of its creation. By conducting action research in the RGF, programming regulations to cover the participation of boys in events and RG competitions, I try to visualize that boys can be thought of as potential practitioners of this sport practice, thus multiplying forms of belonging to the cultural universe RG. The repercussions of this initiative are also analyzed and point to the need for institutionalization of actions to this end, through the entities responsible for the organization of the sport in Brazil.

**Keywords:** Gender; Rhythmic Gymnastics; Action-Research

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de Deslocamento em Dupla nº 18 .....	31
Figura 2 – Exemplo de Trabalho com Arcos .....	33
Figura 3 – Conjunto Misto de GR .....	98

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
2	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....	16
2.1	GÊNERO E PRÁTICAS ESPORTIVAS .....	17
2.2	GINÁSTICA RÍTMICA E GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS/TÉCNICOS .....	24
3	DECISÕES METODOLÓGICAS .....	45
4	A INCLUSÃO OFICIAL DOS (POUCOS) MENINOS NA PRÁTICA DA GINÁSTICA RÍTMICA NO RIO GRANDE DO SUL .....	57
5	REPERCUSSÕES DAS INICIATIVAS DA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE GINÁSTICA NO UNIVERSO CULTURAL DA GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL .....	83
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	100
	REFERÊNCIAS .....	105
	APÊNDICE A – CARTA APROVAÇÃO ELDORADO DO SUL .....	109
	APÊNDICE B – CARTA APROVAÇÃO ACM .....	110
	APÊNDICE C – DVD PARTICIPAÇÃO DOS MENINOS EM EVENTOS DA FRG .....	111

## 1 INTRODUÇÃO

Lembro-me da primeira vez que vi um menino apresentar sua coreografia de ginástica rítmica... 2002 (ou 2003) em uma competição no meu estado vizinho: Santa Catarina. Com seus 12-13 anos, o ginasta realizava sua apresentação como abertura de uma competição local e, ao final, recebia aplausos e incentivos do público e das ginastas que esperavam por sua competição que iniciaria em seguida. Em conversa informal com o atleta, após sua apresentação, ele desabafa: “Vou parar, não existem competições para meninos, daí não tenho onde competir...”.

Nessa época, gênero e esporte já eram temáticas que faziam parte dos estudos do grupo de pesquisa que participo – GRECCO (Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo)<sup>1</sup> e, ao longo dos anos e dos trabalhos que realizávamos, os meninos na Ginástica Rítmica (GR) passou a ser um tema de interesse por viabilizar a “mistura” da minha prática profissional ligada à modalidade e pesquisadora implicada com as discussões no campo de gênero e esportes.

Minha história com a GR atravessa minha vida desde a infância e, posteriormente, a adolescência quando fui atleta da modalidade em clubes e escolas da capital gaúcha. Participando de apresentações e diferentes campeonatos, meu interesse pela GR começou a tomar rumos profissionais, quando, aos 15 anos, fiz meu primeiro curso de arbitragem estadual. Obtendo aprovação, me tornei árbitro da modalidade e, desde então, tenho buscado qualificação nessa área específica. Ao longo de minha formação em Educação Física<sup>2</sup>, tive a oportunidade de trabalhar em diversas escolas com aulas especializadas de GR e, após a obtenção do grau acadêmico, em um clube de Porto Alegre, auxiliando no treinamento das equipes

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/grecco>), coordenado pela professora Silvana Vilodre Goellner (ESEF/UFRGS).

<sup>2</sup> Refiro-me aqui ao curso de Licenciatura Plena em Educação Física, na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), onde coleí grau em agosto de 2004.

competitivas da modalidade. Paralelo ao trabalho nos ginásios, dei continuidade a formação em arbitragem: em 1998 obtive aprovação no Curso Nacional de Arbitragem e, em 2002, no Curso Internacional, passando, desde então, ao *brevet*<sup>3</sup> de árbitro internacional de Ginástica Rítmica.

Durante a realização de meu mestrado, iniciado em agosto de 2007, me dediquei aos estudos relativos à mídia, gênero e práticas esportivas, deixando de lado o trabalho prático com GR, em função da grande demanda que acompanhou a elaboração da dissertação. No início do ano de 2009, recebi com grande alegria e entusiasmo o convite do Presidente da Federação Riograndense de Ginástica (FRG)<sup>4</sup>, Doutor João Carlos Oliva, para ser Diretora Técnica de Ginástica Rítmica da FRG. Já prevendo o encerramento das atividades relativas ao mestrado em poucos meses, aceitei o convite e, desde então, me vejo implicada nas políticas de desenvolvimento da modalidade no RS.

O retorno ao trabalho com a GR tornou-se extremamente produtivo para a identificação do tema a ser investigado no doutorado, pois percebi que o movimento de inclusão de meninos no âmbito competitivo desta modalidade esportiva, era um tema não só inédito como, sobretudo, desafiador.

Agregado ao interesse acadêmico, fundamentalmente, ao campo de estudos de gênero no esporte o desafio se torna muito maior porque, como Diretora Técnica, cabe a mim, incentivar ou não, a entrada dos meninos participantes na GR. Assumindo a responsabilidade por essa discussão, além do que já era previsto para esta tese, foram possíveis algumas ações de cunho prático como alterações de regulamentos e outros. Vale relatar o quanto esse tema é instigante não apenas do

---

<sup>3</sup> De acordo com a Federação Internacional de Ginástica (FIG) os árbitros são classificados utilizando a terminologia *brevet*, que diz respeito ao grau de qualificação de cada um, baseado nas notas obtidas nas provas dos cursos e nas experiências em competições internacionais.

<sup>4</sup> Hoje denominada Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul (FGRS).

ponto de vista acadêmico, mas, também, seus desdobramentos no desenvolvimento do esporte. Digo isso, pois nos espaços que circulei pelo Brasil (cursos, eventos, campeonatos), desde a tomada dessa decisão, algumas pessoas me procuraram para “auxiliá-las” a promover e a inserir a prática da GR por meninos.

Com a experiência que acabo de descrever e sendo a GR uma modalidade técnica conhecida por poucos, sinto-me responsável a contribuir com os estudos que a tematizam. Esse assunto instigante, apaixonante, se faz também, para mim, desafiador. Falar sobre a possibilidade de “quebra” de uma verdade absoluta no campo de práticas da GR – é dita uma modalidade exclusivamente para meninas/mulheres – é propor discussões que movimentam algo e que colocam em tensão o que “naturalmente” está dado: a identificação de que a prática da GR não é para meninos.

Ancorada nos Estudos de Gênero e nos Estudos Culturais, esta investigação tem como objetivo descrever e analisar o movimento de inserção dos meninos no universo cultural da GR a partir das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica. Como questões de pesquisa, levanto as seguintes problematizações: Em que contextos os homens/meninos já estão vinculados à GR no RS? Em que medida as ações propostas pela FRG atinge ao objetivo de incentivar e fomentar a prática da GR por meninos? Quais as repercussões dessas iniciativas dentro do universo cultural da GR no Brasil?

Essa tese está assim estruturada: este primeiro capítulo, introdutório à tese; um segundo capítulo que compreende o referencial teórico privilegiado, onde aponto questões relativas às temáticas de gênero e práticas esportivas e lanço mão das análises dos livros didáticos e técnicos sobre GR, trazendo apontamentos de como a prática masculina se (in)visibiliza ao longo da história da modalidade. O capítulo que segue se refere às decisões metodológicas, onde justifico o uso da pesquisa-ação

como opção metodológica e descrevo as ferramentas metodológicas utilizadas para a construção desta pesquisa. A seguir, nos capítulos 4 e 5 apresento as análises sob os títulos: A inclusão oficial dos (poucos) meninos na prática da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul e Repercussões das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica no universo cultural da ginástica rítmica no Brasil. O último capítulo compreende as Considerações Finais, seguida pelas Referências e Apêndices.

Finalizo essa parte introdutória destacando que estudar, discutir e rediscutir as possibilidades da prática da GR por meninos no Brasil se faz necessária em todos os âmbitos da formação profissional em Educação Física. Justifico essa afirmação, pois a GR é uma modalidade que permite a ampliação do repertório cultural e motor das crianças, sejam elas meninas ou meninos. O uso da música em suas aulas também é de grande valia aos profissionais da área, além da riqueza que os aparelhos manuais (corda, bola, arco, maças e fita são os oficiais) proporcionam. Enfim, quero visibilizar que os meninos podem ser pensados como praticantes em potencial dessa prática esportiva, assim multiplicando as formas de pertencer ao universo cultural da GR independente de serem homens ou mulheres, na atual sociedade brasileira.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Contemporaneamente, o campo teórico dos Estudos Culturais (EC), tem fundamentado pesquisas de diferentes áreas do conhecimento, cujos trabalhos buscam, grosso modo, atentar para as pluralidades dos fenômenos evitando análises binárias. Ao buscarmos subsídios do contexto em que surgem os *Cultural Studies* nossa visão se amplia e, a partir daí, podemos pensar os modos/maneiras que os EC nos permitem enxergar fenômenos atuais e, conseqüentemente, as perspectivas de pesquisa que podemos assumir a partir deles.

Gestado no combate às concepções dominantes de cultura vigentes até a Segunda Guerra, as quais tinham um caráter eminentemente elitista, essa corrente epistemológica se configura a partir do pensamento de acadêmicos da esquerda política britânica. Trazia, contudo, já nas análises de seus primeiros pensadores, uma rejeição às formas mais ortodoxas do marxismo, indo contra o reducionismo do seu severo determinismo econômico e abordando temas que eram comumente silenciados na pesquisa acadêmica como, por exemplo, linguagem e cultura. Em se falando de cultura, Stuart Hall<sup>5</sup> (1997) considera a cultura como um dos principais *locus* onde são estabelecidas e contestadas divisões desiguais de raça, etnia, gênero e classe. É o lugar onde se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos dominantes.

---

<sup>5</sup> Por se tratar de um trabalho onde a principal categoria analítica é a de gênero faço a opção de utilizar o nome completo dos/as autores/as a despeito do recomenda a ABNT (com exceção a quando estiverem entre parênteses) para dar visibilidade quem são os homens e as mulheres que estudam e pesquisam os temas aqui abordados.

Com a proposta dos Estudos Culturais de desconstrução e afastamento de questões edificadas sobre os binarismos<sup>6</sup> e fim das metanarrativas, que levavam à criação de um sujeito guiado pela sua razão e sua racionalidade, deixa-se de lado a possibilidade de uma identidade única ou universal. A identidade não é vista mais como algo único ou unitário. Há deslocamentos nessa lógica de pensamento, dando lugar à fragmentação/divisão, descentralização e multiplicidade. Afinal, acredita-se que “o sujeito não pensa, não fala, não produz: ele é pensado, falado e produzido” (SILVA, 2007, p. 113). Aqui, os termos representação, diferença, linguagem, cultura – entre outros – são compreendidos como parte da produção do sujeito pós-moderno, tido como “flutuante, incompleto, incerto e capaz de uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com que ele pode se identificar, pelo menos temporariamente” (HALL, 1997, p.13).

Indo ao encontro das perspectivas de pesquisa acima descritas é que passo a discutir as possibilidades de meninos vivenciarem, plenamente, o universo cultural da Ginástica Rítmica no RS, assumindo que contemporaneamente, as “verdades” ditas e reditas sobre a prática de GR feita exclusivamente por meninas/mulheres merecem ser repensadas. Para tanto, nos subtítulos a seguir, aponto questões teóricas relativas à temática de gênero e as praticas esportivas e, da modalidade específica em questão nesta tese: a Ginástica Rítmica.

## 2.1 GÊNERO E PRÁTICAS ESPORTIVAS

Mais especificamente, sobre as questões relacionadas à temática “Gênero” inicio apontando Joan Scott, uma importante historiadora no processo de construção do gênero como uma categoria analítica. Sobre esse processo, Silvana Vilodre Goellner (2007, p. 175), escreve:

---

<sup>6</sup> O termo binarismos aqui se refere às lógicas binárias conceituais e lingüísticas presentes em nossa cultura (homem/mulher, homossexual/heterossexual, branco/negro, razão/emoção, etc.)

Não apenas o fazer historiográfico é questionado por Scott quando propõe uma história analítica e não descritiva como também a designação história das mulheres é colocada em suspeição, na medida em que atribui ao gênero uma categoria imperante da análise histórica visto que masculino e feminino são construções sociais e históricas. Com astúcia e ousadia, Scott alerta para emergência de uma análise histórica relacional, visto que ser masculino só pode ser entendido a partir do que se institui como sendo feminino e vice-versa.

As autoras apontam que, com a introdução no mundo acadêmico do termo “gênero” como uma categoria de análise abre-se o conceito para campos de estudo que nos possibilitam pesquisar para além da história das mulheres. Enquanto um termo relacional, o foco da análise é deslocado: não são simplesmente as mulheres que são vistas como objeto de investigação, “mas também os homens, na medida em que estão situados no polo de poder da relação” (SILVA, 2007, p. 95). Com isso, mesmo o termo gênero tendo sua origem no campo dos Estudos Feministas, sua análise não significa o estudo das ou sobre as mulheres.

A partir dessa compreensão os estudos que tem como foco a questão das masculinidades integram o campo dos estudos de gênero, o que afirma a importância da relação entre o masculino e o feminino enquanto categorias de análise relacional, dependendo uma da outra para serem analisadas e discutidas. Ao utilizarmos o termo gênero ampliamos a compreensão para além do determinismo biológico imposto pelas terminologias homem ou mulher e passamos a analisá-lo como aquilo que se relaciona à construção de feminilidades e masculinidades. De uma maneira simplificada, é dentro dessa perspectiva que pretendo trabalhar com o conceito de “gênero” nas linhas que seguem.

Vale ressaltar que nessa análise não está sendo negada a materialidade do corpo, mas o foco é deslocado do corpo em si para os processos e relações que

possibilitam que a biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais (MEYER, 2004). Essa discussão é afasta-se de perspectivas essencialistas<sup>7</sup> e binárias que marcam os locais universais de homem e mulher, e passar a entender e significar gênero como uma categoria de análise relacional (GOELLNER, 2007, LOURO, 2000, MEYER, 2004).

Contemporaneamente, colocar a biologia fora da cultura tem se tornado um desafio teórico: as possibilidades de transgredir as categorias sexuais, a junção corpo-máquina, as avançadas tecnologias de reprodução e outras tantas “novidades” do mundo pós-moderno nos possibilitam ampliar as maneiras de ser e estar no mundo atual. Nossas identidades de gênero e sexuais – bem como outros tantos marcadores identitários: raça, classe, etc - são produzidas em meio a essa conjuntura – do entendimento da biologia como “parte” da cultura – e passam a fazer parte desse quadro contemporâneo. Os termos identidades sexuais e de gênero nos permitem uma aproximação teórica que auxiliará na construção das análises e considerações propostas, aqui especificamente, nossas identidades de gênero. Sobre essas identidades, Guacira Lopes Louro (2000, p. 76), aponta:

[...] Estou entendendo por identidades de gênero as construções socialmente distintas de masculino e feminino, isto é, as atribuições sociais e históricas feitas a partir de características biológicas; e por identidades sexuais estou compreendendo distintas maneiras de viver “desejos e prazeres corporais”, formas essas também culturalmente construídas e que podem expressar-se através de homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade ou um auto-erotismo [...] Se a ênfase é colocada, pois, na “construção” social e histórica das identidades, temos que admitir que nesse processo encontra-se intrinsecamente articulado a relações de poder. Essas relações de poder, por sua vez, também não são fixas, mas cambiantes e fluidas. As várias identidades e práticas são todas sociais, nenhuma identidade sexual ou de gênero é natural.

---

<sup>7</sup> Para Silva (2000) entende-se por essencialismo a tendência a caracterizar certos aspectos da vida social como tendo uma essência ou um núcleo (natural ou cultural) fixo, imutável.

Cabe aqui contextualizar o termo identidade em torno da afirmação de que “as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 1997, p. 12). Esse autor, ao discutir os processos de transformações que vão ocorrendo no final do século XX, afirma que o sujeito contemporâneo também é ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade. A identidade do sujeito pós-moderno ‘torna-se uma celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987 *apud* HALL 1997, p. 12-13).

Passamos a assumir para diferentes situações, diferentes identidades. Criam-se inúmeras posições de sujeito. E, para um melhor entendimento dessa característica das sociedades da modernidade tardia, o conceito de diferença é importante, a fim de compreendermos como se dá esse processo de diferenciação. Tomaz Tadeu da Silva (2007) argumenta que a “diferença é essencialmente um processo lingüístico e discursivo, ela não pode ser concebida fora dos processos lingüísticos de significação”. Ou seja, a diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida. Sendo assim, elas estão sendo constantemente produzidas e reproduzidas através de relações de poder<sup>8</sup>. O que é “diferente” depende da posição de quem enuncia, de quem afirma. Os valores ou instituições universais são deixados à margem dando lugar a posições de sujeitos, diferentes ou não, de acordo com as relações de poder que guiam sua produção.

Ao afirmar que as identidades e as diferenças são produzidas em meio às relações de poder, quero explicitar que seu processo de significação implica negociação, disputa. Assim também é o processo de construção das identidades de gênero, elas não são igualmente valorizadas, não se exercitam e nem são vividas da mesma forma, ou seja, não são socialmente equivalentes. Boaventura Souza Santos

---

<sup>8</sup> Poder é tomado aqui a partir das teorizações de Michel Foucault.

(2000, p. 135), assim nos fala sobre o processo contemporâneo de construção de identidades:

Mesmos as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem [...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em ultima instancia, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.

Assim como a identidade, a diferença é um processo relacional. Ambas só existem numa relação de mútua dependência. As identidades que assumimos ou somos levados a assumir, inclusive as de gênero, são “resultados de um processo histórico e discursivo de construção da diferença” (SILVA, 2007, p. 101).

Essa visão, por vezes, pode apresentar-se conectada a uma posição de *tolerância* em relação àqueles e àquelas que vivem uma forma não hegemônica de suas identidades de gênero, *desde que* se mantenham discretos. No entanto, essa compreensão carrega a pretensão de que é possível isolar os sujeitos sociais, além de demonstrar, sob uma forma condescendente, que aquele ou aquela que “tolera” é, de fato, o sujeito “normal”, a referência (LOURO, 2000). Ou seja, as representações de gênero produzidas tendem a localizar o homem ou a mulher de acordo com determinados padrões de feminilidades e masculinidades construídas historicamente dentro de cada sociedade e cultura. Razão pela qual parece existir um modo de ser “adequado” que deve ser visibilizado e reforçado constantemente enquanto outros são postos de lado.

Aproximando a discussão sobre gênero para o campo do esporte, pergunto: o que torna possível pensar que determinadas modalidades esportivas sejam mais apropriadas a homens do que às mulheres e vice-versa? Por que se atribui termos como masculino ou feminino a determinadas modalidades esportivas? Por que

quando falamos em futebol parece estar naturalizado que ele é um esporte masculino? Quando se trata de uma partida de futebol feminino explicitamos isso, quando é masculina, normalmente nossa referência é a uma partida de futebol. O uso do termo masculino fica subentendido, pois nesse caso, é o referente e, por assim ser, não precisa ser dito ou nomeado.

O contrário acontece com a GR... Não é necessário, ao elaborar um cartaz de divulgação para um evento colocar: “Venham prestigiar a XII Copa Escolar de Ginástica Rítmica FEMININA”... Ginástica Rítmica, na nossa cultura hegemônica, já está dada como sendo exclusivamente para menina. E, ainda no caso do cartaz acima, se restasse alguma dúvida, com certeza a ilustração ou foto que acompanharia os dizeres, seria composta por uma ou mais meninas praticando o esporte.

Essa representação que é produzida sobre determinada modalidade esportiva faz parte da gama de informações que circula em diferentes artefatos midiáticos de divulgação dos esportes. No campo das práticas corporais<sup>9</sup>, os esportes de alto rendimento oferecem à sociedade contemporânea um espetáculo pleno de conquistas: superação, esforço, garra... E, em conjunto com as informações esportivas também circulam representações sobre o que é ser atleta de uma determinada modalidade esportiva. Essas representações estão ligadas a diferentes valores de diferentes épocas, ou seja, o “ideal” de atleta não é o mesmo ao longo da história, ele vai se modificando, refletindo concepções produzidas pela sociedade de um modo geral.

Com relação às representações de gênero, Fabiano Pries Deive (2005) apresenta alguns apontamentos sobre essa temática, focalizando a participação feminina na história dos Jogos Olímpicos. Segundo o autor, a crescente participação

---

<sup>9</sup> O uso do termo “práticas corporais” nesse texto designa os conteúdos que compõem a cultura corporal, tais como as ginásticas, as danças, as lutas, os esportes e os jogos.

das mulheres neste evento se deu em meio aos entraves e conquistas de determinadas épocas cujos conhecimentos nos auxiliam na percepção de como determinadas modalidades foram histórica e culturalmente construídas como sendo para homens ou para mulheres. Construção esta baseada nas representações consideradas hegemônicas de feminilidades e masculinidades e que, grosso modo, associa determinadas práticas aos homens e outras as mulheres.

Competitividade, agressividade, combatividade, busca da vitória... O esporte privilegia um conjunto de “valores como força, potência, velocidade, vigor físico, busca de limites, características valorizadas na sociedade e historicamente associadas à imagem de masculinidade” (RÚBIO; SIMÕES, 1999 *apud* DEVIDE, 2005, p. 42). A atleta mulher vive uma contradição severa: ser bem sucedida como atleta pode significar falhar como mulher, quando não se podem contemplar os atributos socialmente designados para elas, a saber: delicadeza, graciosidade, e ainda, a questão da maternidade nata. Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados em uma suposta “essência feminina” (GOELLNER, 2006).

Ainda sobre alguns fragmentos da participação de homens e mulheres nos Jogos Olímpicos, utilizo os dados apresentados por Sílvio Lancellotti (1996, p. 429-621) que aponta que em Seul (1988), ainda havia sete esportes nos quais as mulheres não participavam: boxe, judô, pentatlo moderno, futebol, pólo aquático, levantamento de peso e luta. Os homens só não participavam do nado sincronizado e da Ginástica Rítmica.

Estes dados, aqui apresentados sucintamente, permitem visibilizar o quanto histórica e culturalmente determinados esportes foram associados a homens ou mulheres e acompanhados por suas “consequentes” masculinidades e feminilidades. Penso que a história serve aqui para nos auxiliar a descortinar os discursos que ainda

hoje vivenciamos, mas não é somente através dela que buscamos compreender o emaranhado de representações possíveis. Afinal, a história que conhecemos é a que chegou a nós, ela possui efeito de verdade, mas não é necessariamente a única verdade sobre os fatos. Não podemos esquecer que a história é uma narrativa sobre o passado e, por assim ser, é permeada de relações de poder que tanto podem dar visibilidade aos sujeitos/acontecimentos quanto colocá-los nas zonas de sombra. Nas palavras de Michel de Certeau (1982, p. 66): “Toda a pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio econômico, político e cultural e está submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade”.

Buscando analisar como a Ginástica Rítmica foi criada e mantida como de/para mulheres, passo, no próximo subtítulo, a apresentar como os livros didáticos/técnicos de GR. Considerados artefatos midiáticos dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, os livros nos ensinam uma maneira de ser atleta da modalidade, não incluindo, na maioria dos casos, a prática da modalidade por homens, direcionado-a às meninas.

## 2.2 GINÁSTICA RÍTMICA E GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS/TÉCNICOS

Dentro da perspectiva proposta para esta pesquisa, passo a analisar alguns dos livros sob a temática da Ginástica Rítmica, partindo do pressuposto que eles nos ensinam uma maneira de ser ginasta que é dita, redita e visibilizada, o que acaba por representar o que é ou não possível de ser pensado como prática para essa modalidade. Especificamente, as questões relacionadas às representações de gênero que circulam nestes livros, me interessam por utilizarem a linguagem como uma forma de “marcar” a modalidade como de/para mulheres e feminina.

Ressalto que os livros são entendidos aqui como uma pedagogia cultural, ou seja, enquanto parte de uma cultura. Com esse entendimento, estamos autorizados a

afirmar que há pedagogia em qualquer espaço em que se efetuem diferentes aprendizagens, em que se ensina aos indivíduos modo de proceder, de fazer, de viver, de comprar, de comer, de falar, de vestir; “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir experiências e construir verdades” (GIROUX; MACLAREN, 1995, p. 144).

Representação é um conceito-chave para articular a análise aqui proposta, pois é entendido como um modo de produzir significados na cultura; estes significados são produzidos através da linguagem e implicam relações de poder. Conforme Dagmar Estermann Meyer (2000, p. 24):

Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que somos – são construídos. As representações envolvem, pois, as práticas de construção e partilhamento de sentidos na cultura, pela operação de diferentes e variados signos e sistemas de classificação.

Entendendo a representação como uma construção lingüística e dependente das relações de poder, é possível compreender que não existe uma representação “verdadeira” sobre alguma coisa, existe sim a construção cultural de um modo de representar algo para determinada época, e o resultado desse processo de significação e atribuição de sentidos é muitas vezes visto através de livros técnicos e didáticos.

Parte importante desse processo de elaboração das representações é a linguagem, pois é nela que se constroem os “lugares” nos quais indivíduos/grupos se posicionam ou são posicionados por outros, é nela que operam os sistemas simbólicos que nos permitem entender nossas experiências e definir aquilo que nós somos ou pensamos ser (MEYER, 2000).

Ou seja, a linguagem classifica, identifica, diferencia, enfim, tem o poder de definir quem está incluído e quem está excluído. Soa como um processo de naturalização tênue de determinadas posições que devemos ocupar, dependendo de nossa cor, nossa sexualidade, nossa aparência corporal e outras tantas possibilidades de hierarquização entre os sujeitos. A linguagem não é o resultado de algo pré-existente, ela produz sentidos que acabamos por partilhar na cultura: ela cria representações do que é certo, errado, normal, desviante... É no seu interior, através de disputas de poder, que essas representações são elaboradas e produzidas.

E, sendo assim, é no interior dos livros direcionados aos interessados nessa modalidade que é possível pensar e discutir, como ao longo dos anos, a GR foi dita para mulheres e feminina. Porém, são nesses mesmos livros que encontramos alguns “escapes” para essa afirmação.

A literatura pesquisada nos aponta conceitos sobre a modalidade. Ingeborg Ingrid Krause (1989, p. 171), importante figura no cenário nacional quando da introdução da modalidade no Brasil – nos traz a definição de que Ginástica Rítmica:

É uma arte dinâmica, criativa, natural, orgânica, com movimentos de características próprias, diferentes das outras escolas de expressão corporal. A Ginástica Rítmica Desportiva é uma modalidade essencialmente feminina, praticada a mãos livres e com aparelhos; sua beleza, sua graça e elegância formam um conjunto harmonioso de movimento e ritmo.

Para a época, assim se acreditava uma possível essência da modalidade, baseada na sua história de criação. Luis Henrique Sacchi dos Santos (2004, p. 253) nos pontua, ao refletir sobre uma “suposta história natural” do campo de conhecimento da biologia: “Assim, falar de moluscos, é falar também da história que os produziu”. Trago aqui considerações históricas pensando que falar das mulheres na Ginástica

Rítmica é falar também da história que as produziu. Essas histórias produzem representações muito específicas e a forma como se fala delas não só as descreve, mas também as produz continuamente.

Zaida Pallarés (1983, p. 11) traz nas primeiras páginas de seu livro apontamentos históricos sobre o surgimento da prática da Ginástica Rítmica – hoje oficialmente conhecida por essa terminologia, mas também já chamada de: ginástica moderna, ginástica rítmica desportiva, entre outros. Destaca Rudolf Bode que, segundo a autora, foi quem estabeleceu os princípios básicos da modalidade. A autora segue dizendo que, historicamente, teremos que retornar à “ginástica rítmica” idealizada por Jacques Dalcroze e nos reportar à influência de François Delsarte (1811-1870) no campo da expressão artística em favor da naturalidade, utilizando o corpo humano como instrumento de expressão. Segundo ela suas ideias renovadoras e seu sistema de “ginástica de expressão e ginástica estética” constituíram, sem dúvida, a base da maioria dos sistemas de ginástica feminina do nosso século (p. 13)<sup>10</sup>. A autora assim continua seus apontamentos históricos:

A ginástica do movimento orgânico ou rítmico tem seu berço natal na Alemanha e existe há aproximadamente cinquenta anos; portanto, constitui uma criação contemporânea e sua história se inicia na segunda década de nosso século. Essa doutrina, baseada no estudo do movimento, poderá ser derivada da educação musical dalcroziana, mas hoje, independentemente desta, esta incluída na educação física geral feminina e ocupa lugar de grande destaque. A ginástica rítmica criada por Dalcroze já recebe o nome de “EDUCAÇÃO RÍTMICA” e visa o aprimoramento da educação musical e artística moderna, enquanto a atual ginástica orgânica, ou rítmica, procura atingir outros objetivos. (p.14)

Para estas e outras autoras implicadas nessa temática e no início dessa prática no Brasil, a GR surge como uma possibilidade de prática somente para as mulheres.

---

<sup>10</sup> Para uma compreensão mais aprofundada sobre as “histórias das ginásticas” sugiro a leitura dos livros “Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX (2002)” e “Educação Física: raízes européias e Brasil (2004)” de Carmem Lúcia Soares. Neles, a autora aponta e discute as manifestações ginásticas e seus diferentes métodos e aplicações num contexto histórico-social.

E, além de ser incentivado que somente mulheres a pratiquem, elas são constantemente incentivadas a colar a essa prática as características e atributos ditos femininos como graça, leveza, beleza, entre outros.

Esses atributos nos levam a caracterizar a modalidade, de acordo com os livros pesquisados, como um reduto da exaltação de uma feminilidade hegemônica. Ester de Azevedo Vieira (1982, p. 11, p. 13) traz expressões que ilustram essas afirmações ao tratar a modalidade esportiva com os seguintes exemplos de representações: “Deve haver harmoniosas combinações, com dificuldades técnicas ilimitáveis e elegância nos gestos”; “ A ginasta deve transmitir beleza e técnica, proporcionando segurança e amplitude aos movimentos”. A autora cita também as características que são valorizadas na modalidade: flexibilidade, agilidade, força, graça e expressão (VIEIRA, 1982, p. 23).

Tendo a GR essas características se cria uma representação de atleta “ideal” para a modalidade que possa atender às demandas esperadas. Trago a discussão, nesse ponto, trechos do livro “Escola de Campeãs” (1991), de autoria de duas técnicas búlgaras, expoentes em competições olímpicas e com grande influência no cenário internacional. Ao longo das páginas do livro, encontro expressões como “pernas longas e chamosas” (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 37) ao falarem sobre como deveria se dar a seleção de atletas com potencial. Destaco a seguinte frase: “O mais importante é fazer com elegância e graça aquilo com que se preocupam.” (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 94). A frase nos indica que as autoras tratam, enxergam e expressam pelas palavras escritas suas atletas como belas e graciosas, mas, ao mesmo tempo, sabem das dificuldades que uma atleta de elite enfrenta para alcançar lugar de destaque no panorama esportivo. Em certo trecho do texto, dizem que suas campeãs “tinham a autoconfiança de heróis desconhecidos.” (RÓBEVA, RANKÉLOVA, 1991, p. 169) Essa expressão, e outras, nos indica a necessidade das atletas de alto rendimento de, ao mesmo tempo, ser bela e elegante, possuir também

determinação, garra, força e outras, tidas, no senso comum, como características masculinas.

Fica exposta aqui uma contradição na linguagem que nos faz suspeitar as razões pelas quais somente às mulheres a prática da GR era incentivada e ensinada. Não teriam os homens iguais condições de praticá-la? A busca pelo belo, pelo elegante, pelo movimento charmoso e harmonioso não é exclusividade das mulheres, afinal, nem todas as mulheres possuem essas características. Ainda, não existe somente uma única possibilidade de ser belo, nem tão pouco uma única maneira de ser um(a) ginasta elegante. Afinal, ser classificado como belo e/ou elegante – e outras tantas características possíveis – dependerá do contexto em que se está inserido. Para o Brasil, as autoras locais são enfáticas ao restringir a prática da então Ginástica Moderna às mulheres. Observem o trecho em destaque, sob o título: “A Jovem Brasileira e a Ginástica Moderna”:

Por que a jovem brasileira se adaptou à Ginástica Moderna? Porque, desejando tão-somente aperfeiçoar-se, não procurou adquirir ou imitar características masculinas. Seu ponto de vista superiormente dirigido para a sua natureza e seus ideais a impele ao cumprimento dos seus deveres de mulher. Ora, as características próprias que Deus lhe deu – graça, beleza e harmonia de movimentos – são aproveitadas pela Ginástica Moderna. Encontrando-se na Ginástica Moderna pode a jovem brasileira realizar-se, seja realçando a harmonia das formas físicas; seja adquirindo a graça e a naturalidade dos gestos; seja, ainda, cativando pela leveza de movimentos – tão raras em suas concidadãs – seja ainda e sobretudo pela conquista de uma nova personalidade (PEUKER, 1974, p. 23).

Sem dúvida, a narrativa que foi produzida sobre a GR nos leva a uma conjuntura geral feminina e para mulheres, mas, as próprias autoras búlgaras, apontam para as possíveis diferenças de “estilos” entre as ginastas do mesmo sexo:

[...] angustiava-me o fato de Julieta conseguir treinar três tipos de ginastas. Maria Guígova representou o primeiro: delicada, lírica, suave. Neska Róbeva, o segundo: dinâmica, temperamental. Rumiana era baixa e não teria lugar na equipe nacional, comentava-se. [...] Inteiramente diferentes! Uma,

delicada; a outra, impetuosa. Maruá e Neska. [...] Todas foram grandes ginastas. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 247-248)

No trecho acima, Neska Róbeva, em particular, exprime sua inquietação ao analisar como sua própria treinadora, nos tempos em que ela mesma ainda era ginasta, lidava com as diferenças entre as suas atletas. Passado os anos, em sua prática, agora como treinadora, Neska aponta para as diferenças entre as suas campeãs:

Iliana Ráeva dispunha de arte e de admirável expressividade e charme. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 250)

Diliana quer carinho, ternura, lisonja... Já que é muito bonita quando executa. Exceto isso, nada mais a Diliana. Basta que o público sinta prazer na beleza de seus movimentos. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 320)

Anélia nunca demonstrou que precisava do meu amor ou de minha confiança, para entrar na quadra. Tinha mais necessidade de autoconcentração e de mobilização de forças. Não queria distrair a atenção durante a competição. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 321)

Lílu Ignatóva provocou, no segundo período esportivo, a verdadeira diferença, entre a ginástica de crianças e a ginástica de mulheres. Mais uma vez, confirmou a graça da Ginástica Rítmica Desportiva em todas as suas nuances. [...] O público de Tóquio – moças, mulheres e homens – ao verem-na, choraram. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 254)

As representações de ginastas belas e charmosas misturam-se aqui com as de determinação e força. Mais que isso, as descrições das atletas acima, feitas por sua própria treinadora, nos mostram que mesmo utilizando as mesmas regras, comuns a todas ginastas da modalidade, há diferenças significativas entre as campeãs e, conseqüentemente, entre as praticantes de um modo geral. Ou seja, é necessário tensionar a representação de feminilidade: ser forte, bela, determinada, charmosa são algumas das múltiplas possibilidades das mulheres ginastas e também de outras

modalidades esportivas<sup>11</sup>. Com essa afirmação busco ampliar as possibilidades de ser atleta de Ginástica Rítmica que não a que atrela à sua prática representações hegemônicas e excludentes.

Essa única representação de atleta de elite de GR, acaba por influenciar a maneira como a modalidade é explorada nas aulas de Educação Física curriculares e também no início da prática esportiva específica. Os livros, em sua maioria voltados para a iniciação à modalidade, tratam a GR como uma prática esportiva que possibilita ricas experiências motoras, quer seja pela variedade dos elementos corporais, ou ainda, pelo uso de seus aparelhos manuais.

As imagens utilizadas para visualizar os movimentos propostos pelas autoras<sup>12</sup> apontam importante representação sobre quem se espera que realize tais movimentos. A ilustração abaixo é um exemplo que reflete o que outras tantas acabam por nos apontar:

Figura 1 - Exemplo de Deslocamento em duplas no. 18



(Des. 18)

Fonte: PEUKER, 1974, p. 42.

---

<sup>11</sup> Sobre essa discussão sugiro a leitura da tese de doutorado de Angelita Alice Jaeger: “Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo”. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15749/000691487.pdf?sequence=1>>.

<sup>12</sup> Uso o termo autoras, no feminino, pois na busca em sebos, livrarias e bibliotecas, apenas um dos livros selecionados, comporta um autor homem, ao qual farei referência na sequência do texto propriamente dito. Destaco que a questão das autoras, em sua absoluta maioria, serem mulheres, também é uma questão de gênero.

Na imagem, de uma sugestão de deslocamento com saltitos realizados em duplas, temos duas meninas que realizam essas atividades. Digo meninas, pois a vestimenta e a maneira como os cabelos são desenhados nos levam a enxergar meninas e não meninos. Essa é uma representação frequente e que nos leva a crer que dentro da ginástica rítmica, somente a meninas/mulheres são permitidos e incentivados tais movimentos.

Alguns livros dos aqui analisados não chegam a explicitar que a prática da GR é exclusivamente feminina, mas folheando suas páginas, não se vê outra possibilidade, afinal, as meninas/mulheres são desenhadas e fotografadas repetidamente para exemplificar uma infinidade de movimentos possíveis. Outras pistas da exclusividade feminina nessa prática são ditas, como o uso das expressões busto e postura bem delineada, ao fazer referência aos possíveis praticantes dessa modalidade (PALLARÉS, 1983, p.34).

Escapa a essa representação hegemônica e uníssona, o livro de Eunice Lebre e Carlos Araújo (2006), quando versa sobre as possibilidades do uso da GR em atividades escolares. Nas sugestões da autora e do autor, o texto explicativo dos movimentos é seguido por ilustrações que ora remetem a imagem de meninas (como na primeira linha da imagem abaixo), ora meninos (segunda linha). Ressalto que em todos os livros pesquisados esse foi o único a conter ilustrações que não fossem exclusivamente de meninas/mulheres.

Figura 2 - Exemplo de Trabalhos com Arcos

Rotação do arco no pescoço



Rotação do arco na cintura



Fonte: LEBRE; ARAÚJO, 2006, p. 164.

A autora e o autor desse livro são de outro país, ou seja, vivenciam uma história e uma cultura diferentes da brasileira, escrevem a partir da realidade que desfrutam em Portugal. Mas trago seus textos à discussão, pois se tratam de profissionais que, continuamente, tem vindo ao Brasil, participando de congressos e outros encontros sobre a temática das “Ginásticas”, ou seja, suas contribuições em muito são válidas para problematizar questões relacionadas a esta modalidade esportiva no nosso país. Já na introdução do referido livro, encontramos o seguinte texto:

A Ginástica Rítmica é uma modalidade que inclui o programa olímpico e esta divulgada por todo o mundo. Apesar de, a nível competitivo, ser uma modalidade exclusivamente praticada por indivíduos do sexo feminino, a sua prática no âmbito escolar e de clubes começa a ter boa aceitação por parte dos rapazes, Além disso, os professores tem vindo a mostrar alguma sensibilidade para o enorme valor intrínseco da modalidade, pelo que utilizam grande parte de sua movimentação específica nas suas aulas normais de Educação Física independentemente de terem só alunas ou também alunos. Também se prevê para breve a abertura de participação competitiva aos indivíduos do sexo masculino. (LEBRE; ARAÚJO, 2006, p. 6)

Para ela/ele, os exercícios propostos pela GR devem fazer parte do programa de Educação Física curricular. E, falando em exercícios propostos pela modalidade, analiso a seguir as representações apontadas pelos livros pesquisados para os elementos corporais que fazem parte do repertório motor incentivado pela GR. Sobre

eles, Ester de Azevedo Vieira (1982, p. 41) coloca que “o corpo não deve ser parcialmente educado, pois os movimentos como saltos, giros, etc, deverão ser harmônicos, fluindo graça e beleza na totalidade corporal”.

A fluência dos movimentos e o uso do corpo em sua totalidade são expressões crônicas, ou seja, estão presentes em todos os materiais a que tive acesso. Além de crônicas estas também são representações nas quais os gêneros, masculinos ou femininos, não estão colados diretamente a elas. Outro termo em grande uso é “graça”. Sem medida é incitado que as ginastas executem seus movimentos com graça, beleza, leveza. Graça aqui com o sentido de graciosidade, elegância e não no sentido do engraçado ou do ridículo. Penso que o engraçado cabe aqui a alguns meninos que ousam adentrar esse mundo da GR. Mas sobre as experiências práticas, falarei mais adiante.

Ainda sobre o uso do corpo, tradicionalmente na GR o *ballet* é usado como parte do aquecimento, tendo papel fundamental no que é comumente chamado de trabalho de base, ou seja, na correta postura e alinhamento corporal. Sobre esse tema, trago trechos do livro búlgaro, destacando expressões que usarei para análise:

Da correta aprendizagem da postura dos braços, depende, em alto grau, a correta, e por conseqüência, a **bela forma** de suas posições. Guarde-se a **suavidade** dos traços, a **menor tensão** dos músculos. Falando sobre um movimento específico (*battement tendu jeté*)... O movimento é **forte**, curto... O *battement tendu jeté* executa-se com tensão dos músculos dos quadris e das costas, sem imprimir rigidez aos movimentos assegurada a leve harmonia da tensão muscular. [...] Grande atenção aos passos especiais, cuja aquisição é indispensável ao desenvolvimento dos passos de dança, mais tarde. Como, por exemplo: nos dedos, **passo suave**, elevado, **brusco**, elástico (balanceado), cruzado duplo, cruzado, largo, galope, de polca, de valsa, de dança popular. [...] A perna de apoio não se flexiona no joelho, e o peso cai todo sobre a planta, **para a execução com graça**. [...] Sobre as ondas... A onda é movimento complexo, dinâmico, sintético. É o movimento básico da Ginástica Rítmica Desportiva, requerendo ensino contínuo e processo difícil. A correta execução exige: flexibilidade, **força**, **firmeza**, equilíbrio, sincronismo, tensão muscular de todos os membros, expressividade. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 114-116, p. 122, p. 131-132)

Aqui o “jogo” entre as palavras brusco-suave, forte-menor tensão nos levam a imaginar os movimentos corporais possíveis levando em consideração essa constante contração e descontração dos músculos, e por que não dizer, da própria ginasta – se pensarmos em seu corpo e suas possibilidades de expressão. Esses antagonismos de forças, bruscas e suaves, somados a diversos acompanhamentos musicais possíveis de serem imaginados, compõem coreografias (ou “séries”, como costumamos dizer) capazes, através das movimentações do corpo em conjunto com os aparelhos, de transmitir diversas emoções e sentimentos para o público que as assiste.

As mãos podem expressar súplica, amor, cólera; podem mandar, defender, suplicar ou proibir, chamar, amaldiçoar, curar; mostrar indignação e ternura. [...] Ao mesmo tempo, com a amplitude do movimento e dos aparelhos, cresce também a amplitude dos sentimentos. Nela se concentra a experiência e a cultura do corpo. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 275)

Aqui, as autoras atentam para a multiplicidade de sensações que uma apresentação de GR pode suscitar no campo das emoções. Emoções estas nem sempre somente sentida por meninas e mulheres, como seguem dizendo:

Fiz para Lilú (Ignátova) uma composição sobre a música de Zak Brel: “Não me deixes”. Precisei explicar a pequena Lilú que, quando alguém diz a uma mulher “Não me deixes”, é porque esta muito apaixonado. Lilú refletiu, franziu a face; mostrando assim o seu sentimento. Eu ri. Mas ela chorou. Tempos mais tarde fizemos com Lilú uma composição sobre a mesma música. O público de Tóquio – moças, mulheres e homens – ao verem-na, choraram. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 254)

Se aos homens enquanto parte integrante do público que assiste à GR, é permitido chorar, quero pensar que seus corpos através da prática da GR também são um potencial expressivo, capaz de conceber sentimentos a quem se permita assisti-los. Assistir a uma coreografia realizada por um menino/homem, dentro da nossa cultura, é um exercício de estranhamento, uma vez que nosso olhar não está educado a tal possibilidade.

Assim como aos movimentos corporais são atribuídas diferentes características constituídas como marcadoras hegemônicas de gêneros, também aos aparelhos utilizados na GR encontramos informações e afirmações por vezes ditas masculinas, por outras, femininas. De antemão, ressalto que, de um modo geral, os livros são unânimes em apontar as excelentes possibilidades de experiências motoras que podemos desfrutar através da Corda, do Arco, da Bola, da Fita e das Maças, que são os aparelhos reconhecidos, oficialmente<sup>13</sup>, para a prática competitiva das mulheres. Ilona Peuker (1976) que nas páginas anteriores citamos como grande incentivadora a prática da Ginástica Moderna às mulheres do Brasil, também reconhece o valor no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos ao afirmar que “os aparelhos manuais ocupam um lugar importante na Ginástica Moderna, porque, além de oferecer muitas possibilidades de criação de exercícios, possuem grande valor educativo (PEUKER, 1976, p. 9). Aqui, a precursora da GR em nosso país, não faz distinções a prática de meninos e/ou meninas. Mas seu discurso segue indicando a preferência que deve ser dada:

O objetivo e finalidade do uso dos aparelhos são educar o indivíduo integralmente, formar e harmonizar sua personalidade, desenvolvendo-lhe a agilidade, a flexibilidade e a habilidade e dando aos movimentos leveza, graça e beleza. (PEUKER, 1976, p. 10)

Graça, leveza, beleza voltam a figurar nas páginas do livro que se encaixa no perfil de ilustrações que já citei anteriormente – somente aparecem imagens de meninas mulheres praticando as atividades. Ou seja, se por um lado, a autora reconhece que o uso dos aparelhos manuais é uma possibilidade de enriquecimento das aulas aos indivíduos – aqui sem fazer distinção sobre o sexo biológico ou gênero – por outro, em suas palavras e em seus traços ilustrativos, produz uma representação hegemônica de menina/mulher, e ainda, feminina, como única

---

<sup>13</sup> A prática oficial da Ginástica Rítmica é regulamentada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG).

possibilidade de perfil de praticante. É necessário problematizarmos essa questão uma vez que assumimos que existem diferentes feminilidades, também existem diferentes masculinidades. Ou seja, por que ser grácil e flexível também não é uma possibilidade de ser masculino?

Sobre os aparelhos, especificamente, privilegio aqui falar sobre três: Corda e Bola – por serem aparelhos mais utilizados popularmente – e, Maças – por trazer um histórico do aparelho que nos possibilita um início de reflexão sobre a apropriação das maças pela GR como um aparelho “feminino”.

A corda, que em competições atende as regras de ser de cânhamo, sisal ou misto de poliéster e o com comprimento de acordo com altura da(o) ginasta, também é usada em aulas de Educação Física com outros comprimentos ou ainda, feita de outros materiais. É um aparelho muito popular que as crianças costumam brincar através de saltos por dentro da corda ou ainda pulos sobre a mesma. Comumente se utiliza uma corda maior, ou mais de uma corda engatadas uma na outra, formando um grande aparelho, onde é possível que duas crianças a segurem, uma em cada ponta, e as demais possam cantar músicas e ou cantigas, que são acompanhadas pelos movimentos corporais de uma delas, que saltita por dentro da corda trilhada pelas (os) colegas.

A corda na GR tem como movimentos característicos (chamados grupos técnicos do aparelho) as ações de saltar e saltitar por dentro do aparelho, rotações variadas em diferentes planos de trabalho, escapadas e recuperações de uma ponta, lançamentos e recuperações e manejos diversos. Em conjunto com estes movimentos básicos, podemos ainda, incluir variações como: corda aberta segura por apenas uma ponta, corda segura pelo meio, lançamento fora do campo visual, rotações em outra parte do corpo que não as mãos, e outras tantas sugestões previstas no Código de

Pontuação<sup>14</sup>, ou ainda variações pensadas pelos professores ou pelos próprios alunos. Acompanhe como as autoras pesquisadas incentivam o uso dos aparelhos, exaltando os “benefícios” que podem ser adquiridos com sua utilização:

Através de saltos e saltitos, desenvolvemos a habilidade de molejar e força nas pernas, obtendo, dessa forma, maior impulsão. Desenvolvemos ainda a rapidez (velocidade), a destreza e a coordenação dos alunos, conduzindo-os a uma boa postura. (PEUKER, 1976, p. 86)

Velocidade, destreza e coordenação são habilidades que devem ser desenvolvidas pelos/as professores/as em todas as crianças, sejam elas meninos ou meninas. E a corda, é um excelente material para motivar o desenvolvimento de tais habilidades. Apesar de darem pistas de incentivar o uso de todos os aparelhos em escolares, quando se trata da prática específica da GR ainda aparecem representações baseadas no ideal de atleta mulher e feminina: “Cuidado com ela (a corda), ela sofre quando bate no chão! [...] A corda não pode parar, é muito ativa, muito viva, divertida; não pode parar em parte alguma (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 77). Ao mesmo tempo que o aparelho é tido como muito ativo e muito vivo, necessitando de energia e força para manuseá-lo, também é dito que ela “sofre”, que é preciso ter cuidado com ela e não batê-la no chão. Ou seja, empregue força na sua prática, mas não deixe de lado a docilidade esperada para um ginasta.

A bola é outro dos aparelhos usados na GR que possui grande circulação popular e é utilizada em diferentes esportes. Para a prática oficial de GR ela deve medir entre 18 e 20 centímetros, mas na iniciação ou prática escolar diferentes bolas – com diferentes tamanhos e materiais – podem ser utilizadas. O trabalho com a bola na GR parece ser incentivado de igual modo ao trabalho com a corda, acompanhe a indicação metodológica das autoras:

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.fig-gymnastics.com>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

Ainda sobre a bola... Se você bater nela, ela sofrerá. Veja como ela é bela! Para que magoá-la? A criança entende logo o que você quer dizer, e, assim, toca a bola no chão apenas com força suficiente, com habilidade, para que pule (RÓBEVA, RANKÉLOVA, 1991, p. 71).

Imagino as frases acima sendo ditas em uma turma, exclusivamente, compostas por meninas, que é a cena que estou acostumada a ver na realidade em que participo, ou seja, na prática da GR no RS. Porém, fico pensando se em uma aula mista ou para meninos, eles seriam incentivados a ter esse mesmo tipo de “relação” com o aparelho. Em outro trecho do mesmo livro, as autoras indicam que relação esperam entre meninos e a bola:

Com ela (a bola) brincam meninos e meninas. Que os meninos a chutem. As meninas tomem-na como boa amiga. Não se deve batê-la no chão ou jogar com força. Sofre; irrita-se. Tocá-la levemente, com carinho, delicadamente. A bola é aparelho dos movimentos plásticos, contínuos. [...] A procura da plasticidade, com o punho livre e descontraído, cria uma sensação de calma e serenidade. [...] Exatidão, elegância e perfeição – são as coisas principais. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 57-58).

Após ler a citação acima, fica claro aquilo que se espera por parte dos meninos que experimentam movimentos com a bola: uma relação de maior força com o aparelho. Movimentos suaves e delicados ficam reservados a prática das meninas e dita feminina. Mas, continuando a folhear o livro, encontro o texto seguinte:

Antes, predominava a opinião de que, na Ginástica Rítmica Desportiva se excluem os movimentos duros, bruscos. (Bola é aparelho leve, delicado). Um dia, decidi mudar a natureza dos aparelhos. [...] E busquei a surpresa com a rejeição dessas verdades categóricas, como, por exemplo, a de que a bola não suporta movimentos bruscos e fortes, nem música, nem dinâmica; que as maçãs não toleram a música calma, e exigem maiores lançamentos, para encobrirem a falta de beleza do material. Decidi pela surpresa, pela busca do contrário a essa orientação, tentando fazê-lo de tal modo belo que fosse aceito. E o aceitaram. (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 65)

E aqui, me atrevo a pensar sobre a possibilidade de a própria GR estar disposta a quebrar determinados paradigmas de gênero pois, segundo a treinadora acima, inúmeras vezes campeã mundial, é possível elaborar movimentos ditos masculinos (duros, bruscos) com a bola, ou ainda, elementos suaves e delicados com um aparelho tido, historicamente, como masculino, as maçãs, conforme o relato a seguir:

[...] uma aluna de Medau ao encontrar jogado no chão da sala de ginástica um pedaço de madeira no formato de uma garrafa, jamais poderia imaginar como ele se tornaria útil, a partir daquele instante, na execução dos movimentos ginásticos. Aquela “garrafinha” de madeira pesada e maciça, denominada “Maça” fazia parte do arsenal gímnico masculino. Medau e Irmela Doebner passaram a trabalhar com as maçãs, tentando encontrar uma forma de utilizá-las na Ginástica Rítmica, depois de algum tempo, o trabalho começou a tomar vida. Os movimentos dos membros superiores foram melhorados com a utilização desse aparelho, movimentos de balancear, rotações foram alguns deles. Usando uma maça em cada mão, possibilitou o enriquecimento do trabalho métrico e rítmico (AMORIM; TEREZANI; SANTOS, 2008, p. 123).

Enxergo aqui, os aparelhos da GR, enquanto multiplicadores de possibilidades e não como marcadores de gênero binários. Seu uso não é somente incentivado às meninas e há contradições quanto à maneira como se pode fazer uso deles. Essa contradição não aponta para uma necessidade de definição sobre as masculinidades e/ou feminilidades implicadas com o uso de cordas, bolas, arcos, maçãs ou fitas em nossa sala de aula ou ginásio. Ao contrário, penso que as supostas contradições indicam que há tantas possibilidades de manusear os aparelhos que ilimitadas expressões podem ser pensadas para meninos e/ou meninas, homens e/ou mulheres, encontrando espaço de visibilidade dentro das regras da Ginástica Rítmica, sem que com isso, se coloque em cheque a identidade sexual dos seus praticantes.

Para iniciar o movimento de inclusão da prática competitiva por parte dos homens, como já foi apontado por Eunice Lebre e Carlos Araújo (2006), julgo ser importante explicitar que a Ginástica Rítmica em nível escolar já possui uma

discussão inicial, conforme foi possível constatar através dessa pesquisa. As autoras que antes fizemos uso para exemplificar como a prática da GR era incentivada somente as mulheres, quando falam sobre escolares, apontam o que segue:

É o sistema de ginástica rítmica praticado na escola um grande meio de cooperar para a educação integral do escolar, podendo promover sua educação, atendendo a suas necessidades, possibilidades e interesses nas áreas física, espiritual, mental e social. [...] Na escola, a ginástica rítmica, para alunos de todos os níveis de ensino, permite, por meio de um programa de conteúdos adequados e lógicos, conduzi-los a uma espontaneidade e flexibilidade de execução e criatividade de movimentos, beneficiando-os com aquisição de comportamentos e atitudes interiores e exteriores que contribui para a conquista de um equilíbrio psicossomático. [...] Nesta idade (11-12 anos), iniciam-se as diferenças mais acentuadas entre meninos e meninas; a meninas é calma, o menino é mais ativo. (PALLARÉS, 1983, p. 18, 21, 158-159)

Ao tratar a criança como “o escolar” a autora não incentiva a prática de GR à faixa etária infantil somente às meninas, porém aponta para possíveis diferenças entre os sexos após a idade de 11-12 anos. Ao mesmo tempo em que assinala essa possível diferença, enfatiza o respeito das características individuais de cada um como ponto importante na elaboração de aulas. Se no texto não fica claro a separação das aulas por sexo, os desenhos que ilustram o livro em sua totalidade deixam claro que não se pretende, ou se pensa, ser possível que meninos venham a praticar a modalidade – como já nos referimos anteriormente.

Para as autoras búlgaras, as questões biológicas ainda estão, intimamente, ligadas às questões culturais, acompanhe o que as mesmas escrevem sobre “o que ensinar às crianças”:

Antes de entrar no ginásio, a menina já brincou com a bola, em seus brinquedos, Os meninos preferem a bola enquanto as meninas da mesma idade são indiferentes ao gol, ao prazer que esse esporte oferece. Do mesmo modo, os meninos são indiferentes a Ginástica Rítmica Desportiva, esporte mais feminino. [...] Até aqui, a pré-escola, não temos a disposição de atrair meninos à ginástica rítmica desportiva, assim como somos contrários que as meninas levantem pesos, pratiquem a luta ou até mesmo o futebol. Ao nosso

ver, homem é homem e mulher é mulher. A natureza os separou, formando uma irrepitível harmonia. Para que mudar? Com intranqüilidade vemos as meninas se comportarem como meninos, ou ao contrário. Com riscos de sermos acusadas de antiquadas, repetimos: a beleza da mulher está na feminilidade, na delicadeza, na perfeição. O homem atrai pela força, pela decisão, pela prontidão (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 57).

Elas argumentam, baseadas na biologia dos corpos que as meninas nascem já mulheres e, conseqüentemente, femininas. Do outro lado, a natureza elabora o homem, com um corpo diferente da mulher e por isso masculino. Percebe-se, por esse trecho, o quanto as diferenças e as exclusões construídas social e historicamente, ainda possuem argumentação com base na biologia dos corpos. E, à essa diferença anatômica, são atribuídas linearmente feminilidades e masculinidades distintas para homens e mulheres.

Tão frágil se tornou essa linha de argumentação, que as próprias autoras, ao longo do livro, vão apontando o quanto essa ligação direta entre menina – feminilidade e menino – masculinidade não se sustenta. Falando sobre as crianças, elas dizem: “As crianças tem espantosa inclinação, exatamente, para a ginástica de solo, gosta dos movimentos bruscos” (RÓBEVA; RANKÉLOVA, 1991, p. 84). E aqui não se referem a meninos OU meninas e sim a crianças, no plural e a elas ligam o adjetivo bruscos, ao se referir as preferências de movimento nessa faixa etária. Ora, se simplesmente pela natureza diferente dos corpos meninos e meninas gostam (ou deveriam gostar) de movimentos diferentes, isso seria notado desde o início de suas vidas, uma vez que as diferenças biológicas entre os corpos se fazem presentes desde o nascimento.

Atentar para as pluralidades de movimentos possíveis para meninos e meninas baseadas nos movimentos da GR é concordar com algumas autoras contemporâneas brasileiras que estão alerta a esse modo de atuar:

Atualmente as atividades rítmicas assumem papel de destaque nos Programas Curriculares da Educação e da Educação Física, principalmente no âmbito escolar, dessa forma desejamos contribuir com a reflexão sobre a proposta pedagógica e metodológica destas formas de apresentação destas atividades. Alguns questionamentos são importantes: quantos alunos participam das atividades rítmicas nas nossas aulas e nas nossas escolas? Quantos desejam participar? Há exclusões? Como? Por quê? Os alunos sentem prazer com estas atividades? [...] Partindo das possíveis relações existentes entre as atividades rítmicas, a Ginástica Rítmica e a regionalidade, a cultura e a tradição, o aluno neste estudo evidenciado será o Homem, a Mulher, Nós, Eu, Você, Altas, Baixas, Gordinhas, Magrinhas, Portadores de Necessidades Especiais, todos com características próprias e tão diferenciadas (GOIS, 2008, p. 79-80).

Sem negar as diferenças biológicas entre meninos e meninas (e outros marcadores possíveis, como altura, cor da pele e outros/as), Ana Angélica Freitas Góis, chama a atenção e nos faz refletir sobre as inúmeras possibilidades e diferenças que encontramos em uma sala de aula de uma turma qualquer. As perguntas que propõe são importantes na medida em que, ao responde-las, somos chamados a perceber quais diferenças não estamos sendo capazes de respeitar em nossas aulas. Roberta Gaio (2008) em publicação organizada por ela, assim nos diz:

Todo o processo de ensino-aprendizagem dessa modalidade deve ser desenvolvido através de uma metodologia lúdica, ate que algumas crianças apresentem características específicas, indicando que as mesmas tem condições de treinarem a Ginástica Rítmica num nível técnico de movimentos, perspectivando o esporte de alto nível. O que queremos dizer com essa afirmação? Queremos mostrar para os professores de Educação Física em geral e em especial para os técnicos de Ginástica Rítmica, que essa modalidade pode e deve ser explorada com meninos e meninas, crianças deficientes ou não a até mesmo para a conhecida terceira idade. Enfim, a Ginástica Rítmica é para tu, eles e nós! Para tu – menina que adora se movimentar expressivamente; para eles – meninos que amam brincar de bola, corda e arco, correndo e saltando pelo espaço e para nós – deficientes, que queremos entender nossas limitações e cada vez mais descobrir nossas possibilidades de movimentos rítmicos e expressivos (GAIO, 2008, p. 17).

Conforme seu argumento, a GR se constitui em importante prática desportiva a ser desenvolvida para diferentes alunos/as com possíveis limitações corporais, de diferentes gerações, idades... Mas se nos livros pesquisados pouco vemos o desenvolvimento da GR escolar, a GR competitiva para eles ainda é campo de

experiências e tentativas, como apresento ao longo desta pesquisa. Buscando visibilizar os meninos praticantes de GR no RS e iniciar um processo institucional da sua inserção na modalidade, através da Federação Riograndense de Ginástica, apresento, no próximo capítulo, o percurso metodológico elaborado para essa tese, seguindo a perspectiva teórica já apresentada.

### 3 DECISÕES METODOLÓGICAS

Entendendo o termo metodologia como o modo de conduzir uma pesquisa, inicio esse capítulo, descrevendo meu caminho de busca por um processo de captação e análise de dados que contemplasse o objetivo dessa tese, qual seja: descrever e analisar o movimento de inserção dos meninos no universo cultural da GR a partir das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica<sup>15</sup>. Tal objetivo foi perseguido considerando as questões norteadoras que destaco novamente: Em que contextos os homens/meninos já estão vinculados à GR no RS? Em que medida as ações propostas pela FRG atingem ao objetivo de incentivar e fomentar a prática da GR por meninos? Quais as repercussões dessas iniciativas dentro do universo cultural da GR no Brasil?

Desde outubro de 2010, quando o tema dessa pesquisa havia sido decidido, diferentes possibilidades metodológicas se apresentavam para mim, e optar por um caminho a seguir – seguro e ao mesmo tempo criativo – foi, sem dúvida, a tarefa acadêmica mais densa durante o período do doutoramento. Reitero aqui a importância de investirmos esforços na busca por caminhos metodológicos que não só dialoguem com a perspectiva teórica que fundamenta a investigação, mas que também vão ao encontro dos objetivos da pesquisa e que possuam instrumentos e estratégias capazes de gerar a elaboração de análises produtivas para o campo de conhecimento da Educação Física.

---

<sup>15</sup> Ressalto que essa pesquisa é parte integrante do Projeto Esporte e Diversidade, desenvolvido pelo GRECCO e possui aprovação no Comitê de Ética da UFRGS sob o número de protocolo: 21149, datado de 14 de dezembro de 2011. Este projeto tem como objetivo analisar o esporte como um espaço de sociabilidade no qual produzem-se e reproduzem-se representações de gênero e sexualidade buscando fornecendo subsídios teórico-metodológicos para qualificar a intervenção de profissionais que atuam nas suas dimensões: rendimento, lazer e educacional, no que se refere ao respeito à diversidade.

Partindo desse pressuposto, digo que a presente tese tem um corte qualitativo, ou seja, é centrada na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada (NEGRINE, 2004, p. 61).

Ao assumir, publicamente, a responsabilidade por discutir o tema dos meninos na GR, a quantidade e a variedade de informações que me eram repassadas foi, primeiramente, motivo de preocupação – devido ao seu grande volume e diversidade de fontes. Mas, após a decisão de qual perspectiva metodológica seguir e a organização do material que eu havia acumulado sobre o tema, a variedade das fontes foi imprescindível para a riqueza das análises.

Em um primeiro momento de construção da tese a ideia era analisar somente os livros técnico-didáticos (capítulo 2.2). Mas o contato com meninos praticantes de GR, ver e ler sua angústias e inquietações me sensibilizaram para as questões que estavam ligadas ao dia a dia deles: treinos, (falta de) competições, etc. E estava dado o “impasse metodológico”: incluir ou não essas informações nessa pesquisa? Se não incluir: o que fazer com tudo que acumulei de conhecimento sobre esse tema nesse contato com os meninos? Se incluir: como fazer de uma maneira, “academicamente possível”, com tantos dados de fontes tão distintas e produzir uma pesquisa que ajude a problematizar as questões ligadas a gênero e esportes, propondo mudanças nessa realidade?

SIM, incluir. E com isso me vi em meio a uma “mistura” de fontes e dados. Após essa ampliação de opções, que fez com que eu pudesse mapear de maneira

geral o que eu já possuía de dados e contatos<sup>16</sup>, eu estava frente à necessária tomada de decisão sobre quais caminhos metodológicos seguir.

Dado o desafio de organização e seleção das fontes a serem utilizadas, a primeira decisão foi a de regionalizar as ações, devido a facilidade de apresentar propostas junto a Federação Riograndense de Ginástica, dado que na época – e atualmente – sou a diretora técnica da modalidade de Ginástica Rítmica. Esse cargo me possibilita, como já citado anteriormente, indicar regulamentos para a modalidade no Rio Grande do Sul e acompanhar os processos de elaboração e implementação dos mesmos, nas diferentes possibilidades de manifestação das práticas da GR: escolar, rendimento e participação. Além dessa facilidade é importante explicitar que já existiam iniciativas da participação de meninos na GR aqui no RS, conforme descrevo posteriormente.

É um espaço que me possibilita negociar, diretamente, a oficialização da inserção dos meninos na GR com os demais envolvidos: dirigentes, técnicos e atletas. Via FRG também é possível ter acesso direto às demais Federações de Ginástica do Brasil, com a intenção de mapear iniciativas e/ou praticantes do sexo masculino na modalidade. Ressalto que contei com o apoio do presidente da FRG, João Carlos Oliva, para o desenvolvimento desta pesquisa, disponibilizando o acesso a contatos privilegiados e apoiando a iniciativa de alteração dos regulamentos técnicos das competições de GR.

Tendo delimitado “geograficamente” o público atingido para essa pesquisa e baseada nas análises culturais, chego à qualificação do doutorado – em maio de 2010

---

<sup>16</sup> Refiro-me aqui aos contatos informais feitos com meninos praticantes da GR durante os campeonatos brasileiros que participei como árbitro e também através de meios eletrônicos (e-mail e *Facebook*). Através dessa primeira aproximação foi que pude, através das experiências desses meninos, conhecer suas realidades como praticantes da GR e suas impressões sobre a oficialização da participação dos meninos na modalidade.

– com a proposta do uso da autoetnografia. Porém, para a construção dessa tese assumo a perspectiva da pesquisa-ação como norteadora para a investigação que me proponho, justificando a seguir essa escolha.

Acredito, corroborando com Juana Maria Sancho Gil (2004, p. 29) que existe uma exigência de respostas a novas necessidades educativas e formativas, geradas pelas transformações experimentadas como um todo. Ou seja, se a GR foi criada e pensada, exclusivamente, para meninas em uma determinada época e, atualmente, ela já vem sendo praticada também por meninos, é chegada a hora de trazer à discussão a inserção deles nessa modalidade. E, esta tese, vem buscar colaborar com esse atual cenário de novas possibilidades de práticas corporais para meninos, da mesma maneira que em tantas outras modalidades ditas masculinas, as mulheres tem conquistado espaço que até então não era possível a elas<sup>17</sup>.

Justifico então a escolha da pesquisa-ação pela possibilidade que essa perspectiva metodológica apresenta de, a partir de dados, contatos e ações com determinado grupo, identificar os principais entraves e assim, propor reflexões e ações práticas que busquem a mudança em um contexto específico, orientando para a resolução de problemas ou transformações. Uma das especificidades da pesquisa-ação consiste no relacionamento desses dois tipos de objetivos: a) objetivo prático/objetivo da ação: proposta de ação para o problema dado e b) objetivo de conhecimento: aumentar o conhecimento de determinadas situações (THIOLLENT, 1998, p.18).

Destaco que ao usar a terminologia pesquisa-ação, a uso dentro da perspectiva de Michel Thiollent (1998). O autor apresenta ampla reflexão sobre o uso da terminologia, a concepção e organização da pesquisa e suas áreas de atuação. A

---

<sup>17</sup> Sobre a inserção das mulheres em modalidades ditas masculinas, sugiro as leituras das pesquisas realizadas pelo GRECCO, disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/ceme/grecco/>.

inspiração para o processo de construção dessa tese é, fundamentalmente, baseada na obra acima citada e nas indicações de seu autor sobre as etapas de uma pesquisa-ação. Não faço uso de grande número de citações diretas e indiretas do referido livro, mas destaco que as ideias norteadoras são amplamente baseadas no que Michael Thiollent propõe para uma investigação com essa proposta.

As origens do conceito pesquisa-ação remontam à década de 1930. Kurt Lewin, professor alemão que em 1933 teve que abandonar a Universidade de Berlim para instalar-se nos Estados Unidos da América do Norte, elaborou a pesquisa-ação. Como dizia Lewin, "Quando falamos de pesquisa, estamos pensando em pesquisa-ação, isto é, uma ação em nível realista, sempre acompanhada de uma reflexão autocrítica objetiva e de uma avaliação dos resultados. Como o objetivo é aprender, não devemos ter medo de enfrentar as próprias insuficiências. Não queremos ação sem pesquisa, nem pesquisa sem ação" (BARBIER, 1985, p. 38).

Os estudos de pesquisa-ação multiplicaram-se durante e depois da Segunda Guerra Mundial, procurando alternativas de pesquisa que valorizassem a ação humana. No entanto, é preciso reconhecer que Kurt Lewin praticamente ignorou um outro tipo de intervenção cujo objetivo é transformar as estruturas sociais e políticas da sociedade de classe. Enquanto Lewin procurava influenciar os operários para fazê-los produzir mais, através do mecanismo de estimulação e de competição, o outro tipo de intervenção procura as classes populares porque somente elas podem transformar a situação de exploração produzida pelo capitalismo.

Na América Latina, a pesquisa-ação adquire força em fins da década de 1960 contextualizada por uma forte crítica à suposta unidade do método entre ciências sociais e naturais, à visão parcial e unidimensional da realidade social, à separação entre o científico e o político, e à marginalização de grupos do desenvolvimento econômico e social latino-americano (GAJARDO, 1986).

Na área da pesquisa em Educação Física no Brasil, pouco se fez uso até hoje da pesquisa-ação. As áreas que mais fazem uso dessa metodologia são Educação, Comunicação, Serviço Social, Desenvolvimento Rural, Difusão de Tecnologia e Práticas Políticas (THIOLLENT, 1998). Uma das poucas publicações da área que pude mapear<sup>18</sup> sobre seu uso é um artigo que os pesquisadores Valder Bracht *et al.* (2002) nos apresentam um texto no qual discutem possíveis mudanças na prática pedagógica em Educação Física em um curso de especialização na área da Educação Física. Segundo os autores a investigação-ação é uma via de transformação dos laços entre a investigação e o ensino, através do confronto direto das respectivas práticas num mesmo terreno (PERRENOUD, 1997 *apud* BRACHT *et al.*, 2002, p. 15).

Esse mesmo artigo apresenta uma descrição das etapas do processo que fizeram parte da proposta de pesquisa-ação naquele contexto. Essa descrição dos autores foi de suma importância para a compreensão das etapas do processo da investigação proposta por eles, uma vez que a pesquisa-ação não possui etapas fixas. Ou seja, de acordo com as especificidades da investigação a ser realizada é possível flexibilizar e/ou adaptar processos e instrumentos de pesquisa de acordo com a realidade a ser estudada. Por esse motivo, passo agora a descrever as etapas realizadas para essa tese e seus respectivos instrumentos/técnicas de registros selecionados.

#### ✓ **Primeira etapa: Fase exploratória de mapeamento**

Essa etapa consistiu na busca por livros técnico-didáticos da modalidade, em sebos, livrarias e bibliotecas da cidade de Porto Alegre/RS. Ressalto que essa pesquisa foi realizada virtualmente, em sites especializados, e também de maneira

---

<sup>18</sup> Pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, Teses e Dissertações Capes e Portal Scielo.

presencial. Foi possível a aquisição de aproximadamente vinte livros e livretos<sup>19</sup>, que ao longo dos meses que seguiram, foram analisados, resultando em capítulo específico, já apresentado dentro do referencial teórico desta pesquisa – Ginástica rítmica e gênero, página 24. Considero essa etapa da pesquisa em constante desenvolvimento, pois sistematicamente, continuo realizando essa busca, visando ampliar a discussão baseada nesse material. O frequente contato com pessoas ligadas à modalidade também enriquece essa parte do trabalho, pois sempre há sugestões de novas bibliografias a serem consultadas.

Nessa etapa, o papel da teoria consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações. Por isso conhecer fragmentos da construção histórico-social da GR se fez importante e também, analisar os livros didáticos, pois se percebe o quanto as perspectivas “femininas” de criação da modalidade continuam presentes na GR atual. Mas há escapes, conforme já apontado no capítulo supracitado. Também fez parte dessa primeira etapa, a coleta de material, pesquisa na internet em sites, blogs<sup>20</sup> e na rede social denominada *Facebook*. Fiz uso dos livros técnico-didáticos e do material coletado na internet ao longo dos capítulos seguintes de análises, de acordo com as categorias analíticas que serão apresentadas.

### ✓ Segunda etapa: Mapeamento das práticas

Paralelo à revisão de literatura dos livros acima, diversos momentos que vivi tiveram a temática desta tese como assunto recorrente<sup>21</sup>. Fiz a opção de ir anotando tudo que acontecia: reuniões técnicas na FRG, campeonatos amistosos, viagens de trabalho, conversas formais e informais, contatos via *Facebook*, mensagens eletrônicas,

---

<sup>19</sup> Alguns foram utilizados como referências para a construção dessa tese, outros não.

<sup>20</sup> Quando uso a palavra material, refiro-me a uma gama de documentos, imagens, vídeos, textos, contatos, etc que pude mapear através de pesquisa em sites de busca na internet. Por exemplo: <<http://ginasticageral.blogspot.com.br/2012/11/conhecendo-ginastica-ritmica-masculina.html>>.

<sup>21</sup> A grande maioria dessas informações estão organizadas em uma pasta pessoal contendo, aproximadamente, 18 envelopes plásticos com o material pertinente ao assunto dessa tese.

indicações de *sites* e vídeos, etc. Através dessas vivências, foi possível perceber que existem adeptos e incentivadores da prática masculina da GR pelo Brasil e eles, sabendo que esse era meu tema de estudo no doutorado, viram nisso uma possibilidade de tornar essa prática realidade em nosso país e se mostraram dispostos a colaborar.

Descobri, também, que, se por um lado existem os que apoiam essa ideia, existem também, os contrários a ela. Ou seja, é um caminho de incertezas a seguir e, também, um território de disputas, sobretudo, porque desestabiliza noções de gênero já naturalizadas no campo esportivo. Em um dado momento, mais especificamente a partir de setembro de 2010, sistematizei um caderno com os registros escritos dessas observações, ou seja, um diário de campo<sup>22</sup>.

Durante o ano seguinte, 2011, buscando ampliar a compreensão da situação da prática da modalidade pelos meninos no RS, nos meses de outubro e novembro, realizei observações em dois locais distintos na Grande Porto Alegre em que meninos praticam a modalidade: Centro REFAP Cidadã/Associação Cristã de Moços - ACM de Esteio e Projeto de Ginástica Rítmica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Desporto, Lazer e Turismo de Eldorado do Sul<sup>23</sup>. Em ambas as iniciativas os meninos são incentivados a participar das aulas específicas de GR. A principal diferença é que, em Esteio, as crianças participam em nível escolar das competições e, em Eldorado do Sul, elas já participam de competições de rendimento, como os Torneios Estaduais. Utilizei como instrumento de coleta de dados o diário de

---

<sup>22</sup> Durante o período que antecede o início da realização sistemática de Diário de Campo, algumas situações que são pertinentes à discussão aqui proposta aconteceram. Sendo assim, organizei um segundo diário de campo com anotações eram “retroativas”, ou seja, realizei a elaboração de pequenos textos descritivos sobre situações que eu já havia vivido em momentos anteriores a setembro de 2010 e que, em algum momento, podem vir a colaborar nas análises das questões de pesquisa aqui propostas.

<sup>23</sup> Cartas de aprovação nos Apêndices A e B.

campo<sup>24</sup>. Faço uso dos apontamentos realizados nos capítulos seguintes, que apresento as análises desse período de observações, que nos auxilia a compreender os desafios e as possibilidades da prática sistemática da GR pelos meninos do RS.

### ✓ Terceira etapa: Discussão das propostas – “Seminário”

Um fórum de troca de informações e debates pertinentes à discussão proposta por essa tese foi a rede social denominada *Facebook*. Lá, pessoas ligadas à Ginástica Rítmica (dirigentes, técnicos, professores, árbitros, atletas) fazem uso das tecnologias propostas pela rede para divulgar ações, campeonatos, compra e venda de aparelhos manuais, discussões sobre o código de pontuação, etc. Em diferentes momentos, pessoas que tinham interesse na GR praticada por meninos, me procuraram através de mensagens ou recados, através dessa rede, manifestando dúvidas, perguntando sobre as iniciativas que estavam sendo tomadas aqui no RS, relatando suas experiências. Percebendo que essas manifestações poderiam enriquecer e ampliar a discussão que aqui proponho, fiz a opção de incluir os dados coletados através dessa rede social, em dois “formatos”: o primeiro compreende as mensagens pessoais enviadas diretamente a mim e o segundo foi a criação de um “grupo”. Para esse segundo formato – grupo – identifiquei nele, para essa pesquisa, o que Michel Thiollent chama de Seminário (1998, p. 58-60), que descrevo a seguir, mas antes, apresento a “dinâmica” que é seguida por um “grupo” no *Facebook*.

No *Facebook*, há a possibilidade da criação de grupos de interesses em comum. Por exemplo, desde 2008, participo de um grupo denominado Árbitros de GR, no

---

<sup>24</sup> Das análises das práticas nos dois locais citados, realizei visitas semanais, de meio turno (tarde ou noite) de acordo com as turmas que possuíam meninos, totalizando 7 visitas a cada local. Os diários de campo realizados nessas observações possuem aproximadamente 15 páginas cada um, ou seja, de cada visita há, aproximadamente duas páginas de relatos feitos à mão.

qual árbitros estaduais, nacionais e internacionais do Brasil, trocam informações sobre o Código de Pontuação, discutem, virtualmente, dúvidas sobre regulamentos ou elementos específicos da modalidade, socializam vídeos e reportagens nacionais e internacionais e outras questões que fazem parte do universo da prática de arbitragem da GR. Essa sistemática fez com que, mesmo que geograficamente distantes, os árbitros pudessem estar em contato constante.

Em 05 de setembro de 2011, criei então um grupo denominado *GR para meninos no Brasil*. No primeiro momento, adicionei integrantes ao grupo que já haviam manifestado interesse na discussão do referido tema, mas ao longo do tempo, diversas pessoas fizeram a solicitação de participar do grupo e, atualmente, contamos com mais de 90 integrantes. E foi, nas postagens e comentários do grupo *GR para meninos no Brasil*, que se deu parte do levantamento e das discussões sobre as propostas de inserção dos meninos no universo cultural da GR na FRG<sup>25</sup>.

Considero esse grupo de discussão como sendo o “Seminário”, porém há limitações nessa estratégia de investigação para essa tese. Conforme Thiollent (1998, p. 60), a técnica de Seminário:

[...] reúne pesquisadores e membros significativos dos grupos implicados. O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação. Também desempenha a função de coordenar as ações dos grupos. O seminário centraliza todas as informações coletadas e discute as interpretações. Faz atas das reuniões. Com as informações reunidas, e dentro da perspectiva teórica adotada, o seminário elabora diretrizes de pesquisa (hipóteses) e diretrizes de ações submetidas a aprovação dos interessados. Outra parte ainda, as vezes elaborada com colaboradores externos, é o material de divulgação, de natureza didática ou informativa, destinado ao conjunto da população implicada nos problemas abordados.

---

<sup>25</sup> As postagens, sistematizadas em um arquivo digital em formato Word possuem aproximadamente 20 páginas. Ressalto que qualquer integrante do *Facebook* pode solicitar a participação no grupo e ter acesso na íntegra a todo conteúdo do grupo.

Não houve, nas discussões virtuais, participação direta dos integrantes do grupo na elaboração dessa tese. A participação do grupo se deu na construção dos regulamentos práticos das competições que seriam propostos. Justifico essa decisão, pois a discussão de gênero dentro do universo cultural da GR, ainda é incipiente e necessita de maior visibilidade para então, em um próximo momento, possamos passar a apresentar conceitos teóricos que auxiliem nessa desmistificação da GR como exclusivamente feminina. Um primeiro passo, nesse sentido, é proposto nas Considerações Finais dessa pesquisa, que apresento documento formal às entidades que gerenciam a modalidade em nosso país. Neste documento, as análises das experiências práticas são discutidas sob a perspectiva teórica apresentada aqui em capítulo anterior, buscando assim, ampliação do conhecimento e quebra de paradigmas por parte dos dirigentes da modalidade no Brasil.

#### ✓ **Quarta etapa: Ações para inserção dos meninos na GR no RS**

Partindo da premissa apontada por Thiollent (1998, p. 8) de que os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação do qual os participantes tenham voz e vez, avançamos para a quarta etapa dessa pesquisa, qual seja, a proposta concreta de ações para a inserção oficial dos meninos nas ações ligadas à GR na FRG.

Baseada nas colaborações dos interessados no processo de inserção dos meninos na prática da GR no RS e atenta às tensões que a oficialização dessa proposta poderia gerar, elaborei os regulamentos de dois tipos distintos de eventos, inserindo, formalmente, a participação dos meninos. Os eventos a que me refiro são as Copas Escolares e a Taça RS de GR. Os regulamentos propostos para os anos de 2011, 2012 e 2013 de ambos eventos, compõe o Apêndice XX.

A participação quantitativa dos meninos nesses eventos e os desdobramentos que foram possíveis serem pensados a partir desse primeiro movimento estão descritos nos capítulos seguintes que compreendem as análises propriamente ditas, que estão assim organizados e nomeados: A inclusão oficial dos (poucos) meninos na prática da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul e Repercussões das iniciativas da Federação Riograndense de Ginástica no universo cultural da ginástica rítmica no Brasil.

Finalizo a descrição das perspectivas metodológicas propostas para essa tese, certa de que existe um movimento circular presente nesse percurso, ou seja, existe o movimento de revisitar processos, continuamente, para analisar novos elementos que venham a surgir durante o período de coleta dos dados. Destaco que, prevendo a entrega da presente pesquisa para final de agosto do corrente ano, finalizei as ações e dados decorrentes da pesquisa no dia 13 de julho de 2013, data em que foi realizada mais uma edição da Taça RS, um dos eventos em que a participação dos meninos foi oficializada.

Passo então, desafiada a descrever e analisar o processo de inserção dos meninos no universo cultural da GR no RS, aos capítulos referentes às apreciações dos dados coletados com base na metodologia acima descrita.

#### 4 A INCLUSÃO OFICIAL DOS (POUCOS) MENINOS NA PRÁTICA DA GINÁSTICA RÍTMICA NO RIO GRANDE DO SUL

Cronologicamente a primeira vez que um menino apareceu em uma competição oficial de GR no RS, foi no ano de 2009. Vale destacar que ele não estava competindo e sim, realizando uma apresentação de sua coreografia na abertura do XIII Torneio Nacional de GR, realizado na Sociedade Ginástica de Porto Alegre/SOGIPA, durante os dias 25 e 28 de junho.

O ginasta em questão é Roberto Ribeiro, do estado do Espírito Santo. A coreografia que ele apresenta é acompanhada do aparelho bola (na cor vermelha). Vestindo malha ajustada ao corpo, acompanhada de um *short*, ambos na cor preta, e sapatilhas apropriadas para a prática de GR, o atleta entra na quadra sob os olhos atentos de ginastas e técnicos que se posicionam atrás da área de competição com máquinas fotográficas e filmadoras para registrar a apresentação. Pela filmagem realizada<sup>26</sup>, não é possível visualizar as reações da plateia, pois estava em posição oposta a filmagem. Mas as reações de quem acompanhada a apresentação atrás da quadra e os aplausos ao final, nos apontam que a plateia do Torneio Nacional, recebeu com muito entusiasmo a coreografia do atleta.

Roberto inicia sua coreografia, ao som de uma música instrumental, com a bola em posição de equilíbrio, realizando lançamentos, recuperações, saltos, rolamentos, quicadas, giros corporais, acrobáticos, exercícios de flexibilidade e ondas, movimentos em oito do aparelho, enfim, uma coreografia com elementos corporais e elementos técnicos característicos do aparelho bola. Comete pequenas imprecisões que não comprometem a boa apresentação do ginasta.

---

<sup>26</sup> Todas as participações de meninos da GR no RS a partir dessa data foram editadas e gravadas em CD que acompanha essa tese (Apêndice C). Recomendo assistir as coreografias durante a leitura das análises das apresentações.

No mesmo ano de 2009, realizou-se uma tradicional competição ao final do ano, chamada Copa Amistosa Dom Bosco, resultado da parceria entre a FRG e o Colégio Salesiano Dom Bosco – Porto Alegre /RS, entidade devidamente filiada a esta Federação. Nesse ano, foi solicitado à organização do evento, que a participação dos meninos fosse liberada, visto que uma entidade já estava trabalhando com meninos, por iniciativa do professor responsável<sup>27</sup>. A solicitação foi aceita e dois meninos foram inscritos na Copa Amistosa, presença essa que causou certo estranhamento para a maioria das pessoas que participavam do evento, fossem professores, árbitros, demais ginastas e, obviamente, ao público presente.

Assim, na referida competição, realizada no mês de novembro de 2009, dois meninos participaram da IV Copa Amistosa Dom Bosco. O primeiro a entrar em quadra, na categoria juvenil estreantes (categoria para ginastas que nunca competiram antes, com idade entre 13 e 15 anos), foi Thomas Leonel Caldas. Em sua série à mãos livres (sem nenhum aparelho), vestindo macacão (malha justa ao corpo até os tornozelos) com bordados em prata na região do tronco, o menino realizou sua sequência de giros, saltos, flexibilidades, passos de dança e equilíbrios ao som de uma música bem marcada, sob o olhar atento do professor, ao fundo da quadra. Destaque ao domínio que Thomas possui na execução de diferentes formas de elementos acrobáticos característicos da GR como rolamentos e reversões. Sua expressão é de alegria durante os minutos de sua apresentação. Tecnicamente, algumas falhas de execução comprometeram a validação de algumas dificuldades corporais.

---

<sup>27</sup> Refiro-me aqui ao professor Jonas Lucas Machado, responsável pelo projeto de GR da Prefeitura de Eldorado do Sul, projeto esse que foi um dos locais privilegiados para as observações dessa tese, conforme já descrito na metodologia.

Na sequência do campeonato, temos a apresentação de Igor Azambuja na categoria infantil estreantes (ginastas que nunca competiram com idade entre 11 e 12 anos). Igualmente à mãos livres, com vestimenta semelhante à de Thomas (apenas diferenciando-se pela forma dos bordados), Igor executa sua apresentação com os elementos corporais obrigatórios a essa categoria (saltos, equilíbrios, pivots (giros) e flexibilidades). Porém, demonstra certa insegurança, que é claramente percebida quando a certa altura de sua coreografia esquece a sequência de elementos, olhando repetidas vezes para seu professor, buscando que o mesmo o auxilie. Destaco que pelas regras da GR, não é permitido que o ginasta mantenha contato com o treinador durante sua apresentação. Caso isso aconteça o ginasta recebe uma penalização em sua nota final. Provavelmente ciente das regras, o professor não se comunica com Igor, e o menino passa os segundos restantes da série alternando momento de pausas na coreografia (quando esquece os exercícios) com momentos de realização aleatória de movimentos.

Os dois meninos somam notas finais parecidas, 13,30 para Thomas e 13,40 para Igor – as notas finais máximas para essa categoria totalizam 16,40. Porém a categoria em que Igor estava inscrito possui mais ginastas inscritas/os e sua classificação final é o décimo quinto lugar. Já Thomas, conquista o sexto lugar. Pouco ouvi falar sobre essa participação desses dois meninos nessa competição. Por outro lado, começava a pensar em maneiras de incluí-los, oficialmente, nos campeonatos promovidos pela FRG, visto que já havia meninos praticando, sistematicamente, a modalidade no RS, mas sua participação em eventos da FRG não estava oficializada, ou seja, em nenhum dos regulamentos técnicos da modalidade constava redação específica prevendo que os meninos poderiam participar dos eventos.

Nesse sentido, para o ano seguinte - 2010, dentro da proposta da realização de um Torneio Escolar<sup>28</sup>, também foi permitida a participação dos atletas. Ressalto que em nenhum trecho do Regulamento Específico desse Torneio está escrita essa possibilidade de participação dos meninos, no entanto, ela foi permitida de maneira verbal, entre o professor solicitante e o Comitê Técnico de GR da FRG da mesma maneira que na Copa Amistosa de 2009, referida anteriormente.

Em 21 de Agosto de 2010, dá-se a realização do I Torneio Escolar de Ginástica Rítmica, no Ginásio da Escola Municipal David Reigel Netto em Eldorado do Sul/RS. Representando o Projeto de GR da Prefeitura da cidade sede do evento, dois meninos participam da competição: Thomas Leonel Caldas e Juvenal Jackson Viana, ambos na categoria juvenil. Thomas compete com coreografia semelhante a que já havia apresentado em 2009, em sua participação na Copa Amistosa do Colégio Dom Bosco. De acordo com minha análise do vídeo da apresentação, o ginasta apresenta melhora na execução de giros e saltos e também nas finalizações dos elementos corporais, valorizando, assim, parte da nota que é dada aos ginastas denominada execução.

Essa melhora na execução dos movimentos é característica que os ginastas apresentam, de uma maneira geral, de acordo com seu empenho, dedicação e tempo de treinamento. Ou seja, com a prática sistemática da GR os ginastas adquirem maior domínio dos elementos corporais o que faz com que exista o que chamamos, comumente, no universo técnico da GR de movimentos “limpos” que, grosso modo, significam joelhos e pés devidamente estendidos e correta colocação corporal.

Juvenal Jackson Viana, que não havia competido até então, faz sua estreia em competições no RS, vestindo macacão preto com bordados (vestimenta que parece

---

<sup>28</sup> A realização do I Torneio Escolar de Ginástica Rítmica surgiu da demanda de organizar um campeonato que contemplasse a participação de atletas iniciantes, que ainda não haviam participado de Campeonatos ou Torneios Estaduais oficiais.

ser padronizada para os meninos do Projeto de GR de Eldorado do Sul). O ginasta e a torcida demonstram grande empolgação durante a realização de sua apresentação, que transcorre sem grandes faltas técnicas, com demonstração de domínio dos elementos corporais.

Competindo na mesma categoria que as meninas – ao total eram oito ginastas competindo, seis meninas e os dois meninos, Thomas e Juvenal conseguem classificações que “incomodam” alguns dirigentes. O primeiro obtém o segundo lugar e Juvenal, classifica-se em quinto lugar. O fato dos meninos conseguirem classificações melhores que algumas meninas gerou desconforto em alguns envolvidos na competição. E começava um movimento por parte, principalmente, dos dirigentes e técnicos de solicitar que, caso os meninos continuassem competindo, que fosse criado um “naipe” separado para eles. Essas manifestações dos dirigentes e técnicos aconteciam de maneira informal, buscando espaços de conversas comigo, enquanto diretora técnica da modalidade, normalmente, nos intervalos de competições ou após o término dos campeonatos.

Seguindo o calendário proposto para o ano de 2010, realizou-se no dia 20 de Novembro, a V Copa Amistosa do Colégio Dom Bosco, onde mais uma vez houve a participação dos meninos Igor Azambuja (categoria Infantil), Juvenal Jackson Viana e Thomas Caldas (categoria Juvenil), já referidos anteriormente. Igor, em sua segunda participação oficial não esquece a sequência de movimentos ensaiados, e realiza sua coreografia de modo fluente e sem pausas na execução. Juvenal e Thomas já totalizavam três participações em campeonatos de GR no RS.

Ainda competindo na mesma categoria que as meninas, Juvenal conquista o terceiro lugar e Thomas o sexto. De igual modo ao Torneio Escolar, eles competiram com mais seis meninas e suas notas e classificações novamente desacomodavam alguns técnicos e dirigentes.

A essa altura já eram três eventos em que se pode ver a apresentação de coreografias realizadas por meninos e alguns comentários começaram a surgir por parte dos envolvidos nas competições: dirigentes, técnicos, auxiliares técnicos, árbitros e ginastas. Como já dito, alguns dirigentes solicitavam que fossem feitos “naipes” diferentes, um para meninas e outro para meninos, outros incentivavam a abertura que foi dada e esboçavam vontade de abrir a possibilidade de incluir os meninos em suas aulas práticas. Outros ainda se diziam completamente contra e usavam como argumento que a GR era uma modalidade, exclusivamente, feminina. Esses discursos circulavam, principalmente, após o término das competições, quando é de praxe na GR no RS que técnicos e dirigentes se aproximem da diretora técnica e façam seus comentários sobre os pontos positivos e negativos dos eventos.

Sobre a possibilidade de separação em naipes diferentes para meninos e meninas, observando a reação dos técnicos e dirigentes, o Comitê Técnico de GR da FRG acaba por decidir pela separação. Essa decisão foi tomada levando em conta que a participação dos meninos ainda não era, e ainda não é, bem aceita por algumas pessoas que compõe o universo da GR em nosso estado. Temendo causar certa aversão à participação dos meninos e incentivar discursos de não abertura oficial das competições a eles, optou-se pela separação em naipes diferentes. Essa proposta, apresentada em reunião técnica<sup>29</sup> a todos dirigentes e interessados, gerou contentamento entre os presentes. Cabe ressaltar aqui, que a FRG é formada por entidades devidamente filiadas a ela (clubes, associações, etc) e deve apresentar suas propostas de regulamentos técnicos com o aval de seus filiados, pois depende da boa participação deles em seus eventos. Na minha opinião, não era hora, de causar atrito e lutar pelas competições de meninos e meninas no mesmo naipe, pois ainda não

---

<sup>29</sup> Realizada no mês de março de 2011, nas dependências da ESEF/UFRGS, contando com a presença de 12 pessoas. Essas pessoas eram representantes das entidades filiadas à FRG que participam dos eventos da modalidade de GR.

havia no país precedentes para tal iniciativa e nem mesmo a Confederação Brasileira de Ginástica permitia tal competição.

A esse ponto da pesquisa-ação aqui proposta, é importante salientar que elenco perspectivas teóricas que assumem que o que nos é apresentado como masculino e/ou feminino não é entendido sempre da mesma forma e que se manifesta de diferentes modos, em tempos e lugares diversos. E isso implica aceitar a ideia de que cada cultura estabelece, em diferentes tempos, quais são as formas aceitáveis e permitidas de se praticar GR, no caso específico dessa pesquisa.

Analisando a decisão proposta pelo Comitê Técnico de GR e acatada por seus filiados percebo que, mesmo com a não aceitação da competição na mesma categoria para meninos e meninas, o fato de ser aceita a participação dos meninos em competições oficiais da FRG já desafia os destinos dados pela biologia dos corpos. A meu ver, é o início de um processo de sensibilização às questões culturais que durante anos perpetuaram a GR como feminina e destinada somente às mulheres. Ainda não é possível, a todos participantes do universo da GR aceitar que as construções de gênero são históricas e se fazem incessantemente, entendendo assim, que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança (LOURO, 1997, p. 35).

Destaco, porém, que desarranjar as práticas tidas como “normais”, ou seja, permitir que os meninos participem, oficialmente, das competições de GR no RS é um processo que deve ser continuado.

É possível avançar, desse modo, de uma perspectiva de contemplação, reconhecimento ou aceitação das diferenças” para outra, que permite examinar as formas através das quais as diferenças são produzidas e nomeadas. A questão deixa de ser, nesse caso, a “identificação” das diferenças de gênero ou de sexualidade, percebidas como marcas que preexistem nos corpos dos sujeitos e que servem para classifica-los, e passa a

ser uma questão de outra ordem: a indagação de como (e por que) determinadas características (físicas, psicológicas, sociais, etc) são tomadas como definidoras de diferenças (LOURO, 2003, p. 46).

Corroborando com a afirmação dessa autora, identifico a necessidade de momentos de reflexão, crítica e entendimento – em conjunto com técnicos, dirigentes e demais interessados – sobre as representações hegemônicas de feminilidade apresentadas quando do início da prática da GR. De igual modo ao conhecimento sobre a construção histórica da modalidade, é necessário estarmos atentos ao tempo e à cultura em que estamos hoje inseridos, que já não se configuram de igual modo à época da criação da GR. Assim, buscamos aceitar que meninos e meninas de várias classes, raças/etnias, religiões, idades, escolas, famílias, amigos e suas experiências e vontades podem provocar os mais diversos gostos por diferentes práticas esportivas, perturbando, algumas vezes, a lógica binária de práticas singulares destinadas aos meninos OU às meninas.

Sobre a vontade manifestada por professores e professoras de começarem a trabalhar com GR também para meninos em suas aulas, é importante salientar que os mesmos demonstram certa insegurança em aceitar meninos em suas turmas, afirmando não “saberem como trabalhar a GR para eles”<sup>30</sup>. Até o presente momento, não há, por parte dos professores que participam das Copas Escolares da FRG uma proposta de prática da GR para ambos em sexos em suas escolinhas de iniciação. O que existe, segundo relato deles<sup>31</sup>, é a aceitação de meninos que demonstram interesse na prática da modalidade. Porém, poucos são os meninos que buscam a GR como atividade esportiva, uma vez que, em muitos casos, não possuem contato nenhum com a modalidade durante os momentos de Educação Física escolar.

---

<sup>30</sup> Destaco que essas falas dos professores foram ditas diretamente a mim, não havendo registro documentado para tal.

<sup>31</sup> Relato feito de maneira semelhante à citada em nota anterior. Destaco que esses relatos, colhidos informalmente para essa tese, devem ser melhor descritos metodologicamente e analisados com mais aprofundamento. Como o objetivo dessa tese não era trabalhar diretamente com os professores que trabalham com Copas escolares de GR no RS, esse procedimento não foi realizado. Mas indica um bom estudo a ser feito, buscando complementar o que aqui foi realizado.

Sobre a utilização da GR como conteúdo da Educação Física escolar, Marilene Cesário, José Augusto Palma e Talita Rugai Salle (2005), desenvolvem uma interessante pesquisa que busca identificar e analisar a presença ou ausência da GR em aulas de educação física e discutir aspectos que caracterizem sua relevância enquanto componente curricular. Os autores empreendem um estudo que tem como locus de pesquisa escolas públicas e privadas da cidade de Londrina/PR. 42 professores foram entrevistados, destes 32 relataram não trabalhar GR em suas aulas e 10 disseram trabalhar. Como justificativa para não trabalharem a GR em suas aulas as respostas foram: falta de materiais, falta de conhecimento para tratar esse assunto no âmbito escolar, falta de local adequado, falta de interesse dos alunos e alunas e falta de interesse dos meninos, especificamente. Os autores do artigo levantam como possibilidade para o não trabalho da GR em nível escolar o fato da GR se constituir em um esporte, estritamente feminino, gerando no professor o entendimento que não deve ser praticada pelos meninos em aula (CESÁRIO; PALMA; SALLE, 2005, p. 87).

Como podemos perceber, a resistência às mudanças é verificada também no âmbito escolar. Para analisar essa oposição à prática da GR por meninos, utilizo a citação de um trecho de manual de ginástica rítmica, com grafia utilizada na época, datado de 1932, feito por Larissa Corat e Marco Antônio Bettine de Almeida (2012):

Há trinta annos passados, [...] ainda a necessidade de competição entre os dois sexos não existia ou apenas se esboçava, reservando se á esposa e ás filhas apenas um papel secundário no interior do lar. Desta fórma nasceu a absurda convicção de que o “sexo frágil” era por natureza irremediavelmente doentio e portanto a gymnastica pouco ou nada lhe adiantaria. Desde os primeiros annos de sua vida, victima desse preconceito, a mulher entrega-se á mais completa indolência dentro da clausura das quatro paredes da sua casa, deixando-se dominar com resignação fatalista pelos males e contingencias “proprios do seu sexo”, males esses que por ignorancia eram aggravados de modo a torna-la “essencialmente doentia” ou, como diziam os poetas e romancistas de então, “delicada e sensível como bonecas de porcellana” [...] (ACCIOLY, 1932 *apud* CORAT, ALMEIDA, 2012, p. 9).

Complementando as ideias acima, Liliane Brümiller Careta (2008) apresenta que:

Na literatura, localizam-se registros cuja preocupação, na época do surgimento da GR, era de treinar os homens para serem guerreiros; as mulheres, por sua vez, eram educadas para exercerem suas funções domésticas e reprodutivas, assegurando, portanto, a feminilidade, a graciosidade, a elegância e a leveza, características da mulher, motivos esses que justificam, na literatura, a criação de tal modalidade esportiva (CARETA, 2008, p.4).

Através desses apontamentos e também pelo que já foi apresentado nessa tese no capítulo referente à análise dos livros técnicos/didáticos da modalidade, o processo de criação da GR para meninas e, dita, feminina está claro. Mas e a manutenção dessas representações nos dias atuais é baseada em quais argumentos e em quais premissas?

Propondo discutir o tema da exclusão do sexo masculino em competições de GR no Brasil, Liliane Brümiller Careta (2008), aplica questionários, com perguntas abertas e fechadas, a pessoas ligadas à GR, dentre elas: professores/as, técnicos/as, árbitros e dirigentes. Em suas análises, o primeiro ponto que merece destaque é referente à oitava pergunta do questionário, na qual os participantes da pesquisa são convidados a responder como conheceram a GR. Segundo os resultados apresentados pela pesquisa, os homens conheceram a GR, em sua maior parte, por intermédio de parentes e amigos, porque na escola ou em outro ambiente, ainda existe um grande preconceito sobre sua prática, além disso, a maioria veio do ballet ou da Ginástica Artística (GA). As mulheres tiveram um maior conhecimento sobre a GR por meio de escolinhas ou outro ambiente frequentado, pois é mais comum às mulheres terem acesso a esse tipo de atividade física. Apenas uma mulher veio do ballet ou da GA, o que caracteriza a forte ligação entre as três práticas,

principalmente para os homens, visto que no ballet e na GA, o homem é aceito e pode participar de competições (CARETA, 2008, p. 19).

Com relação ao apoio que receberam para praticar GR, os atletas homens responderam que foram incentivados por amigos, já as mulheres, pela família (CARETA, 2008, p. 22). Quando perguntados sobre a prática da GR por meninos e sua participação em competições da modalidade a maioria (67%) mostra-se a favor. Do percentual contrário (33%), os entrevistados justificaram sua resposta argumentando que a tradição da GR como esporte feminino deve ser mantida (CARETA, 2008, p. 24).

Helena Altmann e Eustáquia Salvadora de Souza (1999) citadas por Roberta Gaio e Ana Paula Santos (2010) apontam que com a inclusão do esporte moderno como conteúdo da educação física escolar no Brasil, a partir da década de 30, as mulheres eram mantidas como perdedoras por serem consideradas frágeis. Aos homens já eram permitido jogar futebol, praticar basquete e lutar judô, esportes que exigiam mais esforços. E as mulheres por serem consideradas frágeis, só poderiam praticar vôlei e ginástica rítmica. Caso os homens chegassem a praticar essas modalidades que eram consideradas destinadas ao público feminino, sua masculinidade era questionada (GAIO; SANTOS, 2010, p.6).

Conforme percebemos nos apontamentos dos estudos supracitados, é necessário, aos professores/as de educação física de modo geral, o desenvolvimento da consciência de seu poder de criação e possível intervenção na realidade. Assim, podem buscar novas maneiras de propor práticas inclusivas e que privilegiem atividades ricas em experiências motoras aos seus alunos, como por exemplo, a GR. Incentivando a prática da GR por meninos e meninas em suas aulas, os/as professores/as acabam colaborando a desmistificar a ideia da modalidade como destinada exclusivamente as meninas.

Paralelo aos eventos realizados no RS com a participação dos meninos em campeonatos de GR, acompanhei em fóruns virtuais como o *Facebook*, um acréscimo no número de interessados sobre a temática de inclusão dos meninos em competições de GR. Tratava-se de professoras universitárias interessadas<sup>32</sup> em discutir em sala de aula o assunto, ginastas meninos de outros estados que sabendo da iniciativa do RS buscavam relatar suas experiências e ganhar espaços competitivos e treinadoras que possuíam atletas meninos em suas turmas e não encontravam campeonatos em que a participação deles fosse permitida<sup>33</sup>.

No início do ano de 2011, sensibilizado por essa discussão através de minha interferência direta, o Comitê Técnico de GR da FRG propõe a formalização da participação dos meninos em competições de GR no RS através de redação específica para esse fim nos Regulamentos Técnicos da modalidade. Contando com a aprovação por parte dos representantes das entidades filiadas à FRG, os meninos foram, oficialmente, incluídos em dois eventos distintos: Copas Escolares de GR e, também, no campeonato nominado Taça RS de GR.

Referente à Taça RS, lemos em seu regulamento<sup>34</sup> que esse campeonato tem como objetivo a popularização da Ginástica Rítmica, através de uma competição que contemple diferentes níveis e categorias. Sendo assim a Taça RS passou a prever, oficialmente, um naipe denominado “gurias” e outro denominado “guris”. Para as “gurias” existem três níveis diferentes (de acordo com a qualidade técnica da ginasta), já para os “guris” apenas um nível, levando em consideração que o número

---

<sup>32</sup> Refiro-me aqui especificamente à professora Daniela Zanini, de Chapecó/SC. Os contatos eletrônicos com ela estão detalhados no capítulo seguinte das análises.

<sup>33</sup> Esse momento de discussão do tema da inclusão dos meninos em competições de GR com pessoas ligadas à modalidade espalhadas pelo Brasil será detalhado no capítulo seguinte das análises, nominado: Repercussões das iniciativas da FRG no universo cultural da GR no Brasil.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.frginastica.com.br/downloads/gr/2013/Regulamento%20Taca%20RS%202013.pdf>>.

de meninos praticantes ainda é pouco expressivo e dividi-los em níveis diferentes tornaria o campeonato pouco competitivo. Tanto para “gurias” quanto para “gurus” existe a separação de acordo com faixa etária: mirim (até 08 anos); pré-infantil (09 e 10 anos); infantil (11 e 12 anos), juvenil (13 a 15 anos) e adulto (16 anos em diante).

Para os “gurus” foram previstas as seguintes provas: mãos livres (mirim, pré-infantil e infantil), maçãs e bola (juvenil e adulto). Desta vez, a participação dos já tradicionais meninos praticantes de GR vinculados ao Projeto da Prefeitura de Eldorado do Sul não foi possível, devido a problemas internos da entidade que não foram detalhados pelo professor responsável. Para a edição de 2011 da Taça RS houve apenas a inscrição de um menino na categoria pré-infantil, integrante da equipe denominada Academia Corpo e Mente da cidade de Nova Petrópolis/RS.

Adrian Heidrich, conforme relato de sua professora, chegou a Academia onde ela trabalha pedindo para praticar GR e ela, sem pensar muito, simplesmente aceitou o menino, encantada pelos movimentos que ele demonstrara ser capaz de realizar. Sua participação na Taça RS de 2011, que aconteceu no dia 16 de julho, no ginásio da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), foi precedida de uma explicação realizada pela locutora do evento, a pedido do Comitê Técnico de GR da FRG, buscando aproximar o público presente à iniciativa de participação dos meninos em competições de GR no RS. Assim dizia o texto, lido pela locutora:

Peço a atenção de todos: a Taça RS trouxe uma inovação aqui no RS. Nós sabemos que a Ginástica Rítmica a nível nacional e internacional é um esporte praticado exclusivamente por meninas. No entanto, a FRG, através da diretora técnica de GR, conseguiu o aval da Confederação Brasileira de Ginástica para a inclusão de meninos nas etapas estaduais. O RS já é o segundo estado com essa iniciativa. Além do RS, tem o estado do Espírito Santo que foi pioneiro nessa prática... E São Paulo está começando também. Aqui no RS, a Academia Corpo e Mente, de Nova Petrópolis, pratica essa modalidade para os meninos, a Prefeitura de Eldorado do Sul e Canoas

também tem projetos para meninos. Então eu gostaria de uma salva de palmas para o menino que vai entrar (seguem as palmas da plateia)<sup>35</sup>.

E segue a competição, com a entrada no tablado do menino, usando novamente um uniforme no formato de macacão, porém na cor lilás. Destaco que a vestimenta aparenta estar “curta” para o menino, fato esse que leva a crer que o mesmo deve ter sido emprestado por alguma menina, colega de treinamento dele. Sua apresentação é permeada dos elementos corporais previstos no regulamento dessa competição, sem faltas técnicas que comprometam a impressão geral de sua coreografia. A nota final atribuída ao ginasta é 9,55 e sua colocação é o primeiro lugar, visto que não havia mais meninos competindo.

Referente aos regulamento específico das Copas Escolares, o segundo campeonato em que foi oficializada a participação dos meninos, destaco que é uma proposta da FRG que tem como objetivo:

Proporcionar aos seus praticantes uma vivência nesta bela modalidade, através de um programa de elementos obrigatórios corporais e com aparelhos de acordo com categorias e níveis específicos, visando o aperfeiçoamento constante dos(as) ginastas, sem esquecer do aspecto lúdico, principalmente nas coreografias de conjunto (CADERNO DE COPAS ESCOLARES GR, 2011, p. 2).

O Caderno de Regras de Copas Escolares de GR é um manual para a organização, realização e indicações pedagógicas destinadas aos professores que trabalham com essa modalidade nos seus mais variados níveis técnicos. Nele encontramos informações sobre elementos corporais e elementos aparelho indicados para diferentes faixas etárias, além de especificações de como elaborar uma coreografia e como a mesma será avaliada pela equipe de arbitragem da FRG. Cabe destacar que a arbitragem das Copas Escolares de GR tem um caráter educativo, não

---

<sup>35</sup> Explicação feita pela locutora do evento a pedido do Comitê Técnico da GR.

atribuindo notas numéricas às coreografias e sim, indicando pontos a melhorar nas apresentações realizadas.

Com a inclusão oficial dos meninos como possíveis ginastas de GR nesse contexto, a linguagem de todo Caderno de Regras foi adequada e, já no item de “Apresentação” fica clara a proposta de inserção dos meninos, conforme lemos no trecho a seguir: “Para o ano de 2011, o programa foi incrementado com novas possibilidades de participação: meninos; pessoas com necessidades especiais e categoria “máster” (p. 2).

Outra mudança de linguagem que merece destaque está no item Generalidades, onde é especificado como poderão ser elaboradas as composições de conjunto. Lá, lemos que as “regras de participação serão iguais para meninas e meninos. Os conjuntos poderão ser exclusivamente de meninas ou meninos e mistos” (p. 7). Foi feita adequação também no item “Uniforme” que passa a ter a seguinte redação: “vestimenta apropriada a prática ginástica. Indo desde a malha justa ao corpo (com ou sem saíote) que é o uniforme usado tradicionalmente na prática da GR, até uniformes escolares devidamente ajustados ao corpo” (p. 7).

Explicitada as mudanças nos regulamentos escolares da FRG, passo a descrever a primeira participação de meninos em Copas Escolares, datada de 24 de setembro de 2011, durante a III Copa Vera Brusque de GR do Grêmio Náutico União, realizada na sede Moinhos de evento do referido clube. Participaram aproximadamente trezentas ginastas e uma das entidades inscritas contou com a participação dos meninos: Centro REFAP Cidadã/Associação Cristã de Moços - ACM de Esteio.

O primeiro conjunto a se apresentar era composto de cinco integrantes: um menino e quatro meninas. Elas vestiam malhas justas ao corpo enquanto ele, usava

regata e short. As vestimentas eram em dois tons de verde e todos os integrantes do conjunto usavam sapatilhas apropriadas à GR em seus pés. Sua coreografia era composta por saltitos, saltos, equilíbrios, giros, elementos de ondas e flexibilidade e acrobáticos, ao som de uma música cantada (em Copas Escolares é permitido o uso de músicas cantadas e, comumente, os/as professores/as fazem uso de músicas populares entre as crianças, o que favorece o empenho e dedicação das mesmas na execução da coreografia proposta). Importante destacar que o nível técnico das/os ginastas de Copa Escolar não é tão elevado quanto das/os ginastas que participam de competições individuais, visto que as crianças que ali se apresentam, normalmente, frequentam escolinhas de iniciação às modalidades e não aulas de treinamento de alto rendimento.

O segundo conjunto a se apresentar representando o Centro REFAP Cidadã/Associação Cristã de Moços - ACM de Esteio foi composto apenas por meninos que executam coreografia igual à apresentada pelo primeiro conjunto da entidade<sup>36</sup>. Segue a apresentação do terceiro conjunto, com três meninas e um menino que, de igual modo, possui a mesma sequência de elementos. Por último, temos mais dois conjuntos, o primeiro com dois meninos e duas meninas e o quinto com três meninos e uma menina, encerrando assim as apresentações da entidade no evento. Importante destacar que meninos e meninas executam os mesmos elementos durante as suas apresentações.

No mês seguinte à realização da Copa Escolar em que os meninos participaram, iniciei as observações em duas entidades distintas: Centro REFAP Cidadã/Associação Cristã de Moços - ACM de Esteio e Projeto de Ginástica Rítmica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Desporto, Lazer e Turismo de

---

<sup>36</sup> Em Copas Escolares é permitido o uso de coreografias iguais visando facilitar o trabalho do professor de iniciação à modalidade, visto que, em algumas entidades o mesmo professor é responsável por um grande número de crianças e possui pouco tempo para elaboração e ensaio das coreografias.

Eldorado do Sul, conforme já dito no capítulo referente à metodologia. Em ambas as iniciativas os meninos são incentivados a participar das aulas específicas de GR. A principal diferença é que, em Esteio, as crianças participam em nível escolar das competições e, em Eldorado do Sul, elas já participam de competições de rendimento, como os Torneios Estaduais.

No projeto da ACM, foi solicitado que a proposta de pesquisa fosse apresentada para a equipe multidisciplinar da unidade em questão. A apresentação que realizei buscou contextualizar a discussão a que essa tese se propõe, dando ênfase ao pioneirismo da aceitação de meninos em aulas de GR por parte da ACM. Feita uma breve explicação teórica e metodológica sobre a proposta dessa pesquisa, não houve muitas manifestações por parte dos participantes da reunião (doze pessoas participaram da reunião, entre elas, professores/as, assistentes sociais e pedagogos). A coordenação emitiu verbalmente parecer favorável à realização da pesquisa, encaminhando, formalmente, o interesse de participação da ACM nessa tese.

No mês de outubro de 2011, após o aceite formal da instituição, pude iniciar as visitas às turmas de GR, sob a coordenação da professora Juliana Quadros. Em conversa com ela, antes do início das aulas, a professora relatou que as crianças que frequentam o projeto são selecionadas pelo Departamento de Serviço Social da ACM e residentes na cidade de Esteio/RS. Aproximadamente, cento e quarenta crianças, entre meninos e meninas, com faixa etária dos seis aos doze anos frequentam aulas, no contraturno escolar de diferentes práticas esportivas e também outras ligadas às artes (música, desenho, etc.). Conforme informação da professora do total de crianças, quarenta e cinco são meninas e noventa e cinco são meninos.

Iniciando as aulas, a primeira turma daquela tarde de outubro, era composta por uma menina e oito meninos (entre sete e oito anos). Todos uniformizados, tendo

como espaço físico um ginásio amplo e bem iluminado, começam as atividades realizando a chamada e após, alongamentos característicos da GR. Quando incentivados a tentar encostar os pés na cabeça (exercício de flexibilidade muito utilizado na GR) pela professora, eles animados respondem: “Sora falta pouco!”. Lembrando a participação recente deles em Copas Escolares a professora pergunta se gostaram de se apresentar e a resposta é uníssona: “Sim!”. Alguns ainda comentam que guardaram suas medalhas<sup>37</sup>.

Na sequência da aula, um dos meninos vai ao centro do círculo, formado pelas demais crianças e realiza um equilíbrio *passé* e a professora e as crianças realizam comentários e correções na execução do exercício. Após outros meninos realizam movimentos de ondas, acrobáticos e saltos, seguindo a dinâmica proposta para aquele momento. Destaco que a menina quando chamada a realizar seu exercício não mostra interesse em realizá-lo. A impressão é que ela não fica à vontade numa turma só com colegas meninos.

Para a aula da segunda turma daquele dia chegam oito meninos e três meninas, todos com dez anos de idade. As meninas se arrumam rápido para iniciar a aula, enquanto os meninos não demonstram motivação para o início da atividade. A dinâmica da aula é semelhante à utilizada na primeira. Destaco que durante toda a aula os meninos e as meninas ficam separados. Quatro meninos que dizem não gostar daquela aula resolvem sentar ao meu lado e a professora permite. Conversando com eles, um deles relata que prefere futebol ou hapkido<sup>38</sup>. Os demais concordam. E seguem dizendo que “lutar” é mais legal, mas que tem que lutar menino separado de menina, senão não tem graça. Expliquei a eles que eu estava ali

---

<sup>37</sup> Lembrando que em Copas Escolares todos participantes recebem medalhas iguais, pois não há classificação em 1º, 2º e 3º lugares.

<sup>38</sup> O Hapkido é uma arte marcial originária da Coreia, com mais de 300 anos de existência. Como defesa é considerada uma das mais completas artes marciais, com mais de 10.000 golpes, entre chutes, socos, cotoveladas, projeções, torções, estrangulamentos, chaves, etc. Como terapia desenvolve disciplina, libera e equilibra a mente e o corpo. Disponível em: <<http://www.cbhkd.com.br/>>.

para observar o que eles sabiam fazer de ginástica e perguntei se algum deles poderia me mostrar algum exercício. Os quatro se olharam e um deles respondeu: “Vai ver a gente fazer hapkido ou jogar bola... Mas ginástica?”.

Em outro dia de observação encontrei as mesmas turmas que citei acima. Nesse dia, as crianças estavam realizando atividades com o aparelho arco. A turma de sete a oito anos brinca e explora o aparelho durante a aula: pulam por dentro, rotam, lançam para cima e tentam recuperar... Ao final da aula, todas as crianças ensaiam uma coreografia com música. Como a turma mostrou-se dedicada e empenhada na execução dos movimentos, a professora os deixou livre nos minutos que faltavam para encerrar a aula. As crianças pediram para ela colocar uma música e ficaram se divertindo, dançando e inventando movimentos combinados com o arco. Conforme relato da professora, essa turma se caracteriza por estar sempre disposta a fazer as atividades propostas.

A segunda turma que chega para as aulas de GR é que os meninos são resistentes a essa prática. Comento com eles que posso ensiná-los a fazer movimentos com a bola parecidos com as melhores ginastas do Brasil. Eles se olham e perguntam: que coisas que podemos fazer? Sugiro que eles façam a aula e após mostrarei a eles como lançar a bola para cima, virar uma cambalhota enquanto a bola estiver no ar e depois recuperá-la. Dito isso, eles prontamente vão ao encontro dos demais alunos da turma e realizam a aula com eles.

Nessas práticas percebo, que os desafios que a GR propõe, normalmente ligados aos movimentos técnicos de lançamentos e recuperações de aparelhos, são motivantes para aqueles meninos. Quando chega o momento da aula em que uma coreografia é proposta, os mesmos meninos voltam a sentar para assistir a apresentação, não demonstrando interesse em participar. Nos momentos finais, a professora propõe, novamente, movimentos livres e então, ensino aos meninos o que

eu havia combinado com eles. Toda a turma se envolve na brincadeira de lançar o aparelho ao alto e inventar maneiras diferentes de recupera-lo.

Os meninos parecem gostar mais de desafios, mas isso não é, como se pode pensar em um primeiro momento, da biologia dos corpos, são construções sociais e culturais, ou seja, são questões de gênero. Ora, a GR, atualmente, não é feita somente de movimentos ditos delicados e graciosos – como fora pensada na época de sua criação. Hoje em dia, ela é também composta de movimentos complexos e desafiadores, motoramente. Ou seja, é para eles e para elas. A Ginástica Rítmica proposta nos dias atuais é composta de coreografias que mesclam momentos de dança, com momentos de força e resistência, movimentos delicados com outros arrojados e desafiadores.

Mas ainda assim, alguns meninos parecem não aceitar a prática de atividades rítmicas e algumas meninas parecem aceitar que algumas práticas são mais apropriadas aos meninos. Essa afirmação se deve a um fato ocorrido durante uma das observações. Na quadra ao lado da quadra utilizada para as aulas de GR, dez meninos jogam futebol e três meninas estão sentadas no banco aguardando o professor chegar. Para Roberta Gaio 2007 citado por Roberta Gaio e Ana Paula Santos (2010):

A Ginástica Rítmica é uma prática esportiva de caráter exclusivamente feminino, segundo as regras oficiais do esporte publicadas pela Federação Internacional de Ginástica e isso, dificulta a prática dessa modalidade para o sexo masculino pois o preconceito restringe a participação dos meninos nas aulas. Ainda segundo a autora, a definição quanto à existência de possíveis movimentos só para meninas e outros para meninos é uma construção social e cultural, que devem ser desconstruídos e resignificados. Como exemplo podemos citar o fato de que alguns/algumas professores/as ainda trabalham com a premissa de que meninos jogam bola e meninas fazem ginástica ou dança (2010, p. 2).

Durante os dois meses nos quais realizei observações na sede de Esteio da ACM, de maneira geral, percebi que existe certa resistência por parte dos meninos em participar das coreografias, mas nos momentos em que as atividades são ditas “livres” e eles podem explorar os aparelhos a seu modo, todos participam com entusiasmo das atividades. Na questão de participar das coreografias, há resistência por parte de algumas meninas também. Conforme opinião da professora não há regra para as crianças aceitarem se apresentar ou não, alguns não o fazem por pura timidez, outros porque são “Maria vai com as outras”, ou seja, só fazem se os amigos também o fazem.

A questão de desgenerificar a participação das coreografias de GR ficou claramente ilustrada para mim, durante uma aula em que apenas uma menina da turma mostrou interesse em ensaiar a apresentação com o aparelho fita. Os demais, quatro meninos e uma menina, ficaram assistindo. Para minha surpresa, ao término da música, as cinco crianças procuraram a professora dizendo que tinham gostado da coreografia e gostariam de ensaiar também. E assim foi... A menina ensinou aos demais os movimentos e toda turma ensaiou junto à coreografia.

Outra realidade que busquei observar foram as aulas realizadas na cidade de Eldorado do Sul, vinculadas ao Projeto de GR da prefeitura local. Lá, o ingresso das crianças nas turmas é feito por iniciativa das crianças ou da família das crianças, funciona como uma atividade extraclasse, ou seja, só frequentam as aulas as crianças que demonstram interesse na modalidade de GR, ao contrário das crianças que frequentam o projeto da ACM, que ao ingressarem, após serem selecionadas pelo serviço social, passam as tardes nas dependências da entidade praticando diferentes atividades.

Em Eldorado, as aulas de GR são responsabilidade do professor Jonas Lucas Machado e acontecem ao final da tarde, de segunda a quinta-feira, no ginásio

Municipal David Reigel Netto. Já conhecendo os meninos e as meninas que praticam GR lá, em função da sua constante participação nos campeonatos da FRG, minha presença no ginásio foi vista pelas crianças com entusiasmo, pois esperavam que eu fosse ajuda-los a treinar, conforme relato do professor. Sabendo que auxiliar no treinamento me aproximaria das/os atletas, aceitei a proposta e durante os meses de observação, fiquei auxiliando no treinamento, atenta as questões de discussão dessa tese.

Lá, treinam Thomas, Igor e Juvenal e mais, aproximadamente doze meninas, com idades variadas. O treino é igual para eles e para elas. Nessa realidade, sexo não aparece como um marcador identitário. Outros são mais visíveis: competitividade, preguiça, determinação. Os meses lá em muito lembraram meu trabalho como treinadora de GR na SOGIPA, onde a busca pela performance balizava as horas de treinamento das equipes em seus treinamentos diários e exaustivos.

Cheguei a elaborar séries para os meninos e as meninas. E enquanto eu montava as coreografias ficava pensando: porque eles e elas treinam, mas só a elas é permitido competir? Como os meninos se motivam a continuar praticando? As observações lá transcorreram sem acontecimentos pontuais que possam contribuir para a discussão aqui proposta. Porém o fato de observar que os meninos que lá treinavam, ansiavam por competir e possuir espaço na GR como as meninas possuíam, serviram e muito para afirmar a necessidade de oficializar a participação deles em competições. A realidade estava dada: havia meninos praticando GR no RS e a FRG, enquanto entidade que regulamenta a prática de GR no estado, era a responsável por criar espaços para os meninos em seus eventos de Ginástica Rítmica, o que já havia tido início em 2011.

Para o ano competitivo de 2012 de GR no RS, foi realizada nos dias 7 e 8 de julho, na SOGIPA, a II Taça RS de GR, evento que contemplava a participação dos

meninos em competições individuais, no mesmo formato já descrito quando da realização da primeira edição do campeonato em 2011. Foram inscritos três meninos, na categoria adulto (16 anos em diante) e, eles realizaram provas em dois aparelhos: arco e maças.

As apresentações do aparelho arco tiveram início com o ginasta Juvenal Jackson Viana, do Projeto de GR da Prefeitura de Eldorado do Sul. Em sua coreografia, além dos elementos corporais, o ginasta fez uso dos elementos técnicos característicos do aparelho arco como: rolamentos, passagens por dentro do corpo (totais ou parciais), rotações (ao redor de uma parte do corpo ou tendo como eixo o próprio arco), lançamentos e recuperações com diferentes variações (sem as mãos, fora do campo visual, etc). Durante sua série, há imprecisões no trabalho com o aparelho, ocorrendo momentos de perda momentânea do arco, mas com retomada em seguida.

Segundo ginasta a se apresentar neste aparelho, Thomas Leonel Caldas, representando a mesma entidade do primeiro ginasta citado, realiza sua coreografia demonstrando mais domínio do manejo do arco, porém alguns erros corporais comprometem a validação de dois ou três elementos corporais.

O terceiro ginasta a entrar em quadra, é Roberto Francisco Ribeiro, vinculado à entidade RS Esporte de Vitória/ES. Ressalto que o referido ginasta já foi citado nessa pesquisa: foi ele que realizou a abertura do Torneio Nacional de GR no ano de 2009, com sua série no aparelho bola. Três anos se passaram dessa ocasião e Roberto retorna ao RS, dessa vez como competidor e não apenas realizando uma coreografia de demonstração. Ao som de uma música clássica, o ginasta executa os movimentos com correta colocação corporal, grande amplitude e finalizações de equilíbrios e giros sem faltas graves de execução. Durante um rolamento sobre o corpo do aparelho, o ginasta não recupera corretamente o arco, e vê-se obrigado a sair da

quadra de competição para recupera-lo. Com isso sofre uma penalidade por saída da quadra tanto do ginasta quanto do aparelho. Após essa imprecisão, Roberto continua sua sequencia de movimentos e ao final, não recupera o arco mais uma vez, finalizando sua apresentação sem contato com o aparelho.

Mesmo com essas faltas (saída do ginasta e do aparelho e término do exercício sem contato com o aparelho) Roberto supera as notas atribuídas a seus concorrentes, em 3,20 pontos, em virtude de sua superioridade técnica na execução dos movimentos corporais.

Na prova do aparelho maçãs, quem inicia a competição entre os meninos é o ginasta Thomas. Utilizando uma música com ritmo bem marcado ele realiza molinetes, pequenos círculos, assimétricos e outros tantos elementos característicos do aparelho maçãs. Comete três faltas de perda do aparelho, duas com deslocamento pequeno para recuperação do aparelho e uma última que faz uso do aparelho reserva (colocado ao lado da área de competição). Roberto é o segundo ginasta a coreografar com as maçãs, demonstrando grande virtuosismo na execução dos manejos característicos desse aparelho, porém, comete de igual modo à sua apresentação no aparelho arco, imprecisões nas recuperações do aparelho, após pequenos e grandes lançamentos.

Por último, apresenta-se nas maçãs o ginasta Juvenal, que também faz uso de um aparelho reserva, após não conseguir recuperar uma das maçãs de um grande lançamento. Os resultados se assemelham ao aparelho arco, com o ginasta Roberto totalizando 14,93 pontos e sagrando-se campeão, em segundo lugar Juvenal com 11,98 e em terceiro lugar Thomas com 11,58. Importante ressaltar que nos momentos em que os ginastas cometem falhas, demonstram insatisfação pelos erros cometidos. Em conversa informal após o campeonato eles relatam que estavam muito nervosos pela responsabilidade da “estrela” em campeonatos oficiais e, também que, em

virtude da falta geral de incentivo, acabam treinando pouco, o que compromete a correta execução de suas coreografias sem faltas técnicas.

Os relatos e análises das repercussões em âmbito nacional das iniciativas práticas da FRG para inclusão oficial dos meninos em competições de GR serão apresentados em capítulo seguinte, porém, é importante salientar que esse processo, foi uma primeira proposta, que deve ser repensada por seus participantes (atletas, técnicos, dirigentes) para que contemple os anseios e desejos dos envolvidos. Segundo Juana Maria Sancho Gil (1999) citada por Valter Bracht e colaboradores (2002):

Parece cada vez mais claro que se o processo de inovação não se conectar com as construções conceituais e com a forma de atuar dos professores, se não contar com a aceitação necessária, se não contribuir para gerar conhecimento na ação, para favorecer as decisões práticas adequadas, seus objetivos se esgotarão, diluindo-se, perdendo o sentido. Diga-se de passagem, o termo mudança pedagógica não deve aqui ser reduzido a elementos quantitativos do tipo redução dos índices de reprovação, resultados por demais necessário, nem mesmo à melhoria do desempenho dos alunos em testes ou provas estandarizadas que medem o conhecimento. É preciso levar-se em conta se o sentido (político) da mudança ocorre na direção de uma pedagogia crítica (2002, p. 23).

Trazendo a discussão proposta pelo autor para a realidade da GR no estado do Rio Grande do Sul, baseada nas observações realizadas e nas participações dos meninos nos campeonatos que foram permitidos, percebo que é necessário um maior investimento na conscientização das pessoas que fazem parte do universo cultural na GR, sob o tema aqui em questão: a prática da GR por parte dos meninos. Ainda segundo o mesmo autor, é necessário um enfoque possa orientar propostas de inovação pedagógica sob uma perspectiva cultural, considerando os distintos setores envolvidos em uma inovação como partes integrantes de distintas culturas ou subculturas que representam conflitos de valores que adotam conflitos de valores que adotam significados diferentes da realidade (GIL, 1999 *apud* BRACHT *et al.*, 2002, p. 22).

A questão de incluir os meninos na prática da GR envolve não somente eles propriamente ditos, mas todos que participam e fazem da modalidade sua profissão. Está claro, que a falta de competições para os meninos é um problema para eles. Mas até que ponto essa questão também é um problema para as meninas praticantes ou demais envolvidos?

Creio que para um primeiro momento, a proposta da pesquisa-ação aqui feita serve para visibilizar que meninos também podem praticar GR, pois os exemplos acabam por se tornar normativos. A questão que está dada a partir de agora, é pensar de que maneira deve ser dada continuidade ao processo de inclusão dos meninos na GR no RS, tendo em vista que quantitativamente sua presença ainda é pouco expressiva e o incentivo a sua prática em escolas e escolinhas esportivas pode e deve ser incrementado.

Apresentadas e discutidas as participações dos meninos na GR no RS, no próximo capítulo serão discutidas as repercussões das iniciativas da FRG no universo cultural da GR no Brasil, buscando visibilizar de que maneira a iniciativa proposta pela pesquisa-ação dessa tese encontrou adeptos pelo país mas, também, resistências.

## 5 REPERCUSSÕES DAS INICIATIVAS DA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE GINÁSTICA NO UNIVERSO CULTURAL DA GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL

Buscando complementar as descrições e análises do capítulo anterior, referentes às participações dos meninos em eventos proporcionados pela FRG na GR em nosso estado, analiso nas páginas seguintes as repercussões das iniciativas da FRG no universo cultural da GR no Brasil. Para isso, narro as iniciativas, contatos, manifestações ligadas ao desenvolvimento dessa proposta, ou seja, as ações e suas conseqüentes, reações. Não, necessariamente, as ações foram institucionais, algumas vezes, uma simples manifestação de curiosidade sobre o assunto levou a ações concretas como entrevistas em meios de comunicação, conforme será relatado e analisado neste capítulo.

No mês de julho de 2010 participei, no papel de árbitro, de um Torneio Nacional de GR, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Lá, em contato direto com árbitros, técnicos e dirigentes de todo Brasil, pude conversar informalmente com alguns sobre o tema dessa pesquisa de doutorado: a inserção dos meninos em competições de GR. No segundo dia de competição, acho em minha mesa de arbitragem um bilhete com a seguinte escrita: "Faço GR aqui no Rio de Janeiro, sou menino". O bilhete ainda continha um endereço eletrônico. E assim, começaram os contatos, através dos meios eletrônicos com meninos que praticavam GR em outros estados do Brasil.

A notícia que a FRG estudava a possibilidade de incluir os meninos, oficialmente, em competições de GR, gerou entusiasmo e ansiedade, não só nos meninos que já praticavam GR no Brasil e buscavam competições para eles, mas também em alguns professores que já treinavam meninos em suas aulas de GR. As mensagens eletrônicas recebidas e enviadas sobre esse assunto estão arquivadas em minha caixa pessoal de e-mail (pasta nominada "Tese") e também em minha caixa de

entrada de mensagens privadas na rede social *Facebook*. Os conteúdos dessas mensagens que se mostraram pertinentes às análises para essa pesquisa são utilizados ao longo das páginas desse capítulo.

Primeiramente, destaco as mensagens trocadas com o ginasta Guilherme Carola<sup>39</sup>, praticante de GR na cidade de São Paulo/SP. Tive o primeiro contato com ele, quando ministrei, a convite da Federação Paulista de Ginástica, o Curso de Arbitragem de GR em maio de 2011, na cidade de Piracicaba/SP. O ginasta em questão era cursista. Já no primeiro dia de aula, quando fui apresentada ao público presente, aproximadamente 120 pessoas, a professora Glícia Maria Bellemo, responsável técnica da GR no estado de São Paulo, citou que eu estava desenvolvendo pesquisa sobre a participação dos meninos em competições de GR no Brasil. Destaco aqui, que São Paulo, realiza desde 2010, competições de GR com a participação deles, porém no padrão “asiático”, que será discutido em momento posterior.

Após o término do curso, trocando mensagens com o ginasta Guilherme, percebo que a realização de campeonatos de GR para meninos no modelo asiático não é consenso entre os meninos que praticam GR no estado de São Paulo. Analisando a fala do atleta “Quero competir com coreografias iguais às meninas, com as mesmas regras!<sup>40</sup>”, digo que nem todos ginastas paulistas adotam em seus treinamentos os movimentos ligados à linha de GR asiática.

Em São Paulo, a inserção da prática competitiva com meninos, iniciou com o evento Torneio das Estrelas de Ginástica Rítmica, nos dias 04 e 05 de dezembro de

---

<sup>39</sup> O ginasta Guilherme Carola não chegou a competir em competições de GR. Em 2012, ele troca a prática de GR pelo ballet. Para conhecer a capacidade de execução técnica de Guilherme, sugiro assistir um vídeo amador de seus treinamentos, disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=I6\\_CbWhe-h0](http://www.youtube.com/watch?v=I6_CbWhe-h0), acesso em 22 de dezembro de 2011.

<sup>40</sup> Mensagem recebida via *Facebook*, em 31 de maio de 2011.

2010, em São Paulo/SP. Este evento foi promovido pela empresa Gymny Dance Brasil Ltda, sob a coordenação técnica da professora Glícia Maria Bellemo.

Conforme regulamento específico<sup>41</sup>, o objetivo dessa competição é: “estimular e difundir a Ginástica Rítmica Masculina, baseado em movimentos ginásticos (como calistenia, ginástica sueca, dinamarquesa que são movimentos construídos), movimentos acrobáticos da Ginástica Artística (GA), movimentos malabarísticos (de circo), movimentos das artes marciais e movimentos específicos da Ginástica Rítmica.” A participação era aberta a ginastas de qualquer entidade legalmente constituídos que desenvolvam atividades relacionadas à modalidade e a idade mínima era de 10 anos. As provas realizadas foram nos aparelhos mãos livres e corda.

Em alguns pontos o regulamento se assemelha a GR praticada pelas meninas, no entanto, alguns são “adaptados”, seguindo como base a linha asiática de desenvolvimento dessa modalidade. O aparelho corda era igual ao utilizado pelas meninas, ou seja, deverá ser de cânhamo, sisal, ou misto de poliéster e comprimento de acordo com altura do ginasta. A música tinha a mesma duração: 1,15” à 1,30”. A área de competição foi mantida: tapete medindo 13 metros x 13metros. A composição musical, no entanto, só poderá ser orquestrada. Não foi permitido o uso de voz, como já o é na prática das mulheres. O uniforme indicado para os meninos foi: shorts ou calça da GA, camiseta regata, com ou sem sapatilhas.

A avaliação por parte da arbitragem foi realizada de acordo com o regulamento sugerido pelos organizadores, onde foram especificados os elementos corporais que deveriam fazer parte das séries, bem como as devidas utilizações do aparelho corda (Dificuldade 01 e 02). O valor das dificuldades seguiu o Código de

---

<sup>41</sup> Enviado por e-mail em 10 de maio de 2011.

Pontuação de Ginástica Rítmica Oficial<sup>42</sup>, apesar de não ser permitida a realização de elementos conhecidos como “pivots” (giros com apoio reduzido em um pé). Os outros dois quesitos, comumente avaliados – Artístico e Execução – seguiram o que dita o Código de Pontuação, sem nenhuma limitação, adaptação ou alteração.

Para melhor compreendermos a criação da linha conhecida por asiática na GR para meninos, faço uso de estudo realizado por Tiago Xavier de Oliveira e Maria Teresa Bragagnolo Martins (2010) que busca analisar o desenvolvimento da Ginástica Rítmica Masculina no Brasil, influenciada pela linha asiática. Conforme o autor e a autora, a versão masculina da GR foi desenvolvida em diversos países como Japão, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Coréia do Sul, entre outros, apresentando um conjunto de regras claras e específicas (p. 136).

Velardi (1999) apud Oliveira e Martins (2010) destaca a prática da GR por homens, assim como a existência de equipes competitivas, principalmente na Ásia e na Europa. Dessa forma, é importante destacar que a GR possui características específicas para cada sexo, que diferem na execução dos elementos corporais, na utilização de determinados aparelhos de pequeno porte, entre outras regras gerais estabelecidas. (p. 137)<sup>43</sup>.

Sobre a origem da GR masculina, os autores apresentam que sua origem se deu por volta da década de 50, ao final da II Guerra Mundial, quando professores japoneses passaram a utilizar exercícios advindos principalmente do método de ginástica calistênico, com o objetivo de promover a saúde e elevar a autoestima de

---

<sup>42</sup> Disponível em: [www.fig-gymnastics.com](http://www.fig-gymnastics.com).

<sup>43</sup> Para melhor visualização de uma coreografia baseada na linha asiática de GR masculina, sugiro fortemente vídeo disponível em:

[http://www.youtube.com/watch?v=PVI\\_\\_6iFyTI&list=PL054A7D5BC4F282E8](http://www.youtube.com/watch?v=PVI__6iFyTI&list=PL054A7D5BC4F282E8). O vídeo sugerido, apresenta um lindíssimo conjunto de ginastas japoneses a mãos livres, mas pouco se assemelha a Ginástica Rítmica prevista oficialmente para as meninas. Predominam, na coreografia masculina, as difíceis séries de acrobacias combinadas, que a elas não são permitidas.

sua população. Com a utilização de músicas e alguns aparelhos de pequeno porte, característico do método calistênico, passou a ser institucionalizada uma nova modalidade gímnica, que mais tarde ficou conhecida por GR masculina, haja vista que era praticada somente por homens (p. 137).

Porém, mesmo sendo reconhecida pela Federação de Ginástica Japonesa, em 1969 e chegando a realizar um campeonato internacional em 2003, os autores especulam que a não aceitação oficial da modalidade por parte da Federação Internacional de Ginástica (FIG) poderia estar relacionado ao interesse da FIG em manter uma modalidade exclusiva ao público feminino ou em reconhecer a força de uma confederação asiática, o que romperia com a tradição europeia das modalidades ginásticas. Já a FIG, afirma que não há número significativo de praticantes (OLIVEIRA, MARTINS, 2010).

No Brasil, de acordo com os autores acima o início da GR masculina se deu na década de 1980, quando a Universidade de São Paulo, aceitou o convite da Universidade de Kokushikam (Japão) para divulgação da modalidade (p.138).

Analisando a discussão sobre as diferenças de regulamentos para meninos e meninas na GR, Liliane Brümiller Careta (2008), em trabalho já apresentado sobre a exclusão dos meninos nas competições de GR, aponta que na opinião dos entrevistados por ela, há a necessidade que existam mais movimentos acrobáticos e menos performáticos, pois assim a GR se assemelharia mais com a Ginástica Artística e menos com a dança. Já uma das entrevistadas acredita que a prática da GR para os meninos deve ser igual à praticada pelas mulheres, pois, segundo ela, alguns meninos se identificam com a GR da forma como ela é treinada atualmente (2008, p. 30).

A Espanha<sup>44</sup>, é um país onde as competições de GR para meninos já são autorizadas pela Federação Espanhola. Essas competições são realizadas com as mesmas regras previstas para as meninas. Em acesso ao site da Federação Espanhola de Ginástica (RFEG), em 28 de maio de 2011<sup>45</sup>, pude constatar que lá se encontra o regulamento técnico de GR previsto para a Espanha, contemplando a participação de meninos. Conforme o site, o regulamento havia sido aprovado em reunião da Diretoria Técnica da RFEG, em 22 de janeiro de 2011. A participação dos meninos estava prevista para as provas individuais, divididos em quatro faixas etárias, iniciando aos doze anos. Pelo difícil acesso às informações oficiais da RFEG, o processo de inserção dos meninos na Espanha não é aqui analisado, mas é citado para dar visibilidade ao fato de que no referido país, os meninos já praticam GR com as mesmas regras previstas para as meninas.

A questão do uso de regulamentos iguais ou diferentes para meninos e meninas na GR está permeada por questões atreladas às representações de gênero hegemonicamente feminino, histórica e culturalmente construídas para a modalidade.

Quando, por exemplo, o entrevistado aponta que deveriam existir mais acrobacias para os meninos, pois assim “GR se assemelharia mais com a Ginástica Artística e menos com a dança”, percebo o quanto ainda são esperadas diferenças nas práticas ginásticas para homens e mulheres, corroborando com a ideia de que:

---

<sup>44</sup> O clube Tramuntana, é conhecido pelo desenvolvimento da GR para meninos. Um pouco do seu trabalho pode ser visualizado em: <https://www.facebook.com/#!/pages/GIMNASTAS-DEL-CLUB-TRAMUNTANA/293860644693>.

<sup>45</sup> Destaco que na data referida o site era aberto ao público, porém, em dado momento que não posso precisar, passou a ser necessário uma “licença” para acesso ao site [HTTP://rfgegimnasia.net](http://rfgegimnasia.net) e, consequentemente aos regulamentos lá disponíveis.

Tanto as ginásticas competitivas como as não competitivas são praticadas por ambos os sexos, mantendo ainda algumas diferenças fruto de conceitos e preconceitos existentes em tempo remotos. Diferenças essas, por exemplo, relacionadas à expressão do movimento, no qual o ritmo definido pela música produz conseqüentemente o tipo de movimento a ser executado, isto é, movimentos quadrados característicos dos homens (oriundos da calistenia) e redondos das mulheres (oriundos do ballet) (GAIO, GOIS, 2006, p.4).

Para amparar a análise proposta, faço uso de artigos relacionados às questões de gênero na Ginástica Artística e na dança/ballet, haja visto que ambas práticas foram citadas como referências de movimentos que seriam apropriados para meninos e meninas.

Em artigo que busca identificar e analisar a presença por parte dos pais e responsáveis por meninos em idade escolar em relação a prática de Ginástica Artística (GA) por crianças do sexo masculino Heverton Antunes, Bruna Reis e Flávio Santos (2008) apontam que a exigência de certa sensibilidade ou pela malha colada ao corpo, o preconceito contra os homens que ingressam no ballet ou na dança é grande e que, empiricamente, observam o mesmo preconceito em relação aos homens que praticam GA (2008, p. 2).

Ainda segundo os autores, na GA as provas femininas conservam características como leveza e graciosidade num padrão estético europeu, mas as provas masculinas nem tanto. “Exigem dos ginastas força física em movimentos extenuantes que as mulheres muitas vezes não conseguem realizar (p.2)”.

Quando questionados sobre a influência do esporte na determinação sexual, 86% não acreditam na possibilidade de uma determinada prática esportiva influenciar na determinação sexual dos filhos. Como justificativa dessa afirmação,

colocam que a sexualidade é definida ainda na gestação, porque sexo é determinação genética, impossível de ser transformado pelas mãos dos homens.

Outros pais não acreditam que o esporte mude o jeito de alguém pensar, sendo que o esporte e sexualidade são caminhos que andam separados, do qual o esporte é apenas uma atividade física saudável e o que existe é o preconceito.

Os 14% restantes apontam que alguns esportes são apropriados para mulheres e quando os homens o fazem, se tornam vulneráveis ao homossexualismo, além de que algumas modalidades exigem movimentos mais delicados (p.9). Destaco aqui que não discutir sexualidade na presente tese é uma decisão tomada com o propósito de não fortalecer a ideia de que determinado sexo está linearmente ligado a determinado gênero e a determinada sexualidade, conforme nos aponta Giuliano Andreoli (2010), quando analisa que “até os dias de hoje, persiste essa forte representação cultural ocidental que associa o balé clássico e todas as danças assemelhadas à feminilidade e à homossexualidade” (ANDREOLI, 2010, p.5).

Assim, afirmo que não é questão proposta para essa pesquisa estabelecer qualquer tipo de relação entre a prática de GR por meninos e as ligações dessa prática com a orientação sexual dos atletas. Justifico essa escolha, buscando retirar o foco de uma conclusão que soa como “natural” quando observados os meninos que praticam GR: “São gays.” O investimento dessa tese não é somente o de procurar desnaturalizar esse discurso e trazer a tona questões históricas, sociais e culturais que representam a GR como feminina. Mas também, discutir a necessidade de uma feminilidade hegemônica (ligada à suavidade, graciosidade, elegância, etc) atrelada à modalidade.

O fato é que os meninos na GR estão sujeitos a um conjunto de regras que os precedem. O contexto de criação da modalidade, exclusivamente, destinada às

mulheres já foi descrito anteriormente. Atualmente a modalidade já não possui as mesmas características técnicas da época de sua criação. De acordo com o Código de Pontuação, já são permitidos elementos acrobáticos e os elementos corporais e, também, os movimentos do aparelho que operam com inúmeras possibilidades de execução. E dentro dessas diferentes maneiras de execução encontramos, não somente, elementos ditos graciosos ou sutis. A GR atual comporta a realização de saltos que exigem ampla potência muscular, equilíbrios que necessitam de grande força e lançamentos e recuperações do aparelho que precisam de coragem e ousadia para sua realização.

Com as mudanças que ocorreram ao longo do tempo nas regras da GR é preciso discutir se ela é feminina OU masculina? É necessário atrelar sua prática a uma feminilidade OU masculinidade hegemônicas? Relacionando essas perguntas com a questão dos regulamentos diferentes ou iguais para meninos e meninas na GR, pergunto: é necessário a criação de um regulamento exclusivo e diferente para os meninos? O que é impróprio no contexto da GR atual?

Buscando apoio institucional para a iniciativa de inserir os meninos em competições oficiais de GR, foi enviado pelo presidente da FRG, João Carlos Oliva, ofício endereçado à presidente da Confederação Brasileira de Ginástica datado de 21 de maio de 2011, solicitando que a participação de meninos de todo Brasil, na Taça RS fosse autorizada. Anexo ao referido ofício foi enviado o regulamento do evento, prevendo a realização de naipes masculino, com as mesmas regras estabelecidas pelo Código de Pontuação da modalidade.

Em resposta à solicitação, foi recebida em 19 de junho de 2011, a autorização oficial para a participação de ginastas de outros estados do Brasil na Taça RS. Enxergo esse parecer positivo da Confederação Brasileira de Ginástica como um marco importante na inclusão dos meninos em competições de GR no país, pois

assim, o Brasil passa a ter um evento oficial prevendo a realização de um naipe masculino.

Com o aceite da CBG, foi enviado pela FRG, em 20 de junho de 2011, e-mail às federações de ginástica de todos estados brasileiros, informando da possibilidade de participação dos meninos na Taça RS. O texto informativo da mensagem destacava que em diversos estados do Brasil, meninos já praticavam a GR, mas ainda não havia competições a nível nacional onde sua participação fosse autorizada e que a autorização vinda da CBG era uma ótima oportunidade de dar visibilidade a participação dos meninos nas práticas competitivas de GR, em nosso país, da mesma maneira que já acontece na Espanha, por exemplo.

Porém, um ponto que merece destaque, é que o aceite oficial foi realizado faltando poucos dias para a realização do evento, o que impossibilitou que em 2011, fosse viável a participação de meninos de outros estados, além do RS. Mas essa possibilidade abriu um leque de oportunidade de discussão do tema entre os interessados, resultando na criação do grupo GR para meninos no Brasil, na rede social denominada *Facebook*<sup>46</sup>, conforme já descrito no capítulo referente à metodologia.

O levantamento das opiniões sobre como deveria ser o Regulamento para a Taça de GR de 2012, teve início em 15 de outubro de 2011. Há um certo consenso no desenvolvimento da GR para meninos baseada nas mesmas regras para as meninas. Uma professora, que trabalha com a linha asiática em São Paulo/SP, solicita que também se faça a competição no modelo asiático para que seus atletas possam participar. Tecnicamente há um impedimento para isso: não possuímos equipe de árbitros qualificados para o julgamento baseado nas regras da escola asiática. Sendo assim, fica estabelecido que a Taça RS seguirá para os meninos as mesmas regras que

---

<sup>46</sup> O grupo é aberto a quem se interessar em participar e visualizar comentários postados lá.

as meninas e segue-se no grupo as discussões sobre a divisão por faixas etárias e quais aparelhos cada idade irá competir.

Uma maneira de incluir a participação dos atletas paulistas que treinam a linha asiática de GR foi proposta à professora responsável, Vania Gripe<sup>47</sup>, em mensagens trocadas com ela via *Facebook*. Sugiro que ela faça a apresentação de abertura da Taça RS com seus quatro atletas (idade entre 13 e 20 anos). Seria uma maneira dos participantes do campeonato terem contato com essa maneira de praticar GR, pouco conhecida aqui no RS. Em um primeiro momento a professora foi simpática à ideia, mas após, desistiu de sua vinda à Porto Alegre, alegando que a prefeitura de sua cidade não disponibilizaria verba para os meninos apenas se apresentarem, ou seja, custeariam as despesas somente para eles realmente competirem.

Ressalto aqui, as diferenças nas maneiras de iniciar o trabalho com os meninos na GR. No RS, a prática regulamentada, oficialmente, comporta os eventos escolares (Copas Escolares) e também competitivos (Taça RS) e as regras adotadas são exatamente as mesmas para meninos e meninas. Já em SP, a prática dos meninos se dá somente em nível competitivo e com algumas modificações em relação às regras estabelecidas, oficialmente, para as meninas.

Outra iniciativa que merece destaque foi realizada pelo professor Flávio Barroca, de Vitória/ES. Ele foi o responsável pela organização de um torneio amistoso de GR que contemplou a participação dos meninos. Conforme troca de mensagens eletrônicas, o evento foi realizado em junho de 2011 e contou com a participação de dois atletas, com coreografias dentro de regras previstas de igual modo às meninas. Segundo relato do professor a participação dos atletas com coreografias nos aparelhos arco e maças foi um sucesso. As apresentações dos

---

<sup>47</sup> Conversa eletrônica entre os dias 27 de Janeiro e 21 de Março de 2012.

meninos foram bem recebidas pelo público presente, que vibraram durante a execução das séries.

Ele ainda comenta que ficou impressionado, pois imaginava que as apresentações dos meninos fossem gerar certo desconforto ao público presente, originado do preconceito em relação aos meninos praticarem “a mesma GR que as meninas”, o que não ocorreu. Segundo suas impressões os atletas foram elegantes e expressivos, cativando a plateia do campeonato e recebendo muitos aplausos ao final de suas apresentações. Por fim, ele aponta que o fato de apenas dois meninos participarem do evento é o início da “criação de uma cultura de GR para meninos” e que espera que nos próximos eventos, mais meninos possam participar.

Outro relato que merece destaque é o recebido via mensagem eletrônica, em 10 de outubro de 2011. Nele, a professora Clotilde Cazé, descreve que na Bahia, os meninos participam de maneira não competitiva dos JERP – Jogos Escolares da Rede Pública. Ela ministra aulas específicas de GR no Colégio Estadual Adroaldo Ribeiro Costa, uma escola de ensino fundamental, e elabora coreografias de conjunto de GR para meninos e meninas participarem dos referidos Jogos.

Ainda pude ter contato, em maio de 2011, com um atleta de GR mineiro, que não pratica mais GR (atualmente pratica Ginástica Aeróbica Esportiva - GAE<sup>48</sup>), pois segundo ele, sofreu uma lesão. Conforme relato via mensagens privadas no *Facebook*, na época em que treinava GR, ele planejava ir à Espanha competir. No mês seguinte, fui convocada a atuar como árbitro no Campeonato Brasileiro Adulto de GR, em Brasília/DF. Lá, encontrei a técnica do atleta mineiro que me referi acima, pois ela também estava designada a arbitrar a competição. Marquei uma conversa com a professora, explicando a ela sobre a pesquisa de doutorado que eu estava realizando e que anotaria em diário de campo questões pertinentes à discussão. Na manhã

---

<sup>48</sup> Modalidade ginástica onde a presença dos meninos em competições é permitida.

seguinte, conversamos, aproximadamente, durante vinte minutos. O que o menino havia comentado via *Facebook* foi corroborado por ela. Complementando a informação, ela relatou que a ida do atleta à Espanha não foi possível, pois não foi autorizada pela Federação Mineira de Ginástica, não entrando em detalhes sobre o porquê dessa negativa. A professora encerrou a nossa conversa afirmando que apoiou a decisão do menino em abandonar a GR e treinar GAE. Segundo sua opinião “é muito desmotivante os meninos treinarem GR sem terem competições para eles”.

Contando com esse relato, já é possível mapear que o Brasil possui meninos praticando GR em seis estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Creio que essas experiências, mesmo que tímidas em um primeiro momento, já nos apontam a possibilidades de ampliação da prática da GR para meninos no Brasil.

Esse processo de início da participação de meninos em competições de GR, tem chamado a atenção em alguns espaços midiáticos. Quando o ginasta Roberto Venturini (Vitória/ES), já havia realizado sua inscrição para a Taça RS em 2012 – conforme já detalhado em capítulo anterior – a emissora local de televisão, vinculada à Rede Globo, veiculou reportagem sobre esse fato no dia 14 de junho do mesmo ano<sup>49</sup>. Na reportagem, de aproximadamente cinco minutos, o ginasta e sua técnica Aline Ribeiro, contam um pouco da trajetória do ginasta na modalidade e buscam divulgar a prática da GR para meninos. Com imagens de Roberto treinado ao fundo, o repórter, além de descrever a execução dos movimentos do ginasta, relata que ele e a treinadora estão em busca de patrocínio para facilitar a vinda do atleta na Taça RS, que aconteceria dentro de um mês.

---

<sup>49</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/es/videosqt/globo-esporte-es/v/veja-a-edicao-na-integra-do-globo-esporte-14062012/1993143/>. Acesso em 20 de junho de 2012.

Outro espaço midiático que demonstrou interesse foi a revista online chamada Carta Capital. Em reportagem postada em 22 de novembro de 2012<sup>50</sup>, o repórter assim inicia a matéria: “Coisa de menina? Garotos sonham em competir na ginástica rítmica, esporte exclusivamente feminino”. O responsável pela matéria descreve a iniciativa de inserção dos meninos nas competições de GR no RS e complementa o tema relatando a experiência do Projeto da Prefeitura de Eldorado do Sul, local onde foram realizadas parte das observações dessa tese.

Em 10 de dezembro de 2012, recebo também, contato eletrônico da edição de esportes do Jornal Folha de São Paulo. Os contatos seguiram por e-mail e telefone, mas a reportagem ainda não foi publicada. Pontuo esses três espaços midiáticos (televisão, revistas online e jornais) para visibilizar que o tema da inserção dos meninos na GR desperta interesse e curiosidade, fazendo com que algumas mídias contribuam na divulgação dessa iniciativa.

Um outro local onde o assunto dessa tese pode e deve ser discutido, são as disciplinas ligadas às ginásticas nas Instituições de Ensino Superior (IES). Para pontuar alguns aspectos dessa discussão com os acadêmicos, futuros professores de Educação Física, apresento conversa eletrônica<sup>51</sup> realizada com a professora universitária Daniela Zanini, de Chapecó/SC. Já na primeira mensagem, ela relata o desejo de trabalhar com a questão da prática de GR ser também incentivada entre os meninos, porém coloca que não possui material para isso. Na sequência das mensagens, a professora descreve sua preocupação em “passar isso para os alunos da disciplina, que existe GR no masculino. Só que não tenho livros, nem artigos sobre isso para eles lerem e discutirmos essas questões”. Daniela ainda faz menção ao livro de Eunice Lebre e Carlos Araújo – já apresentado no capítulo sobre GR e os livros

---

<sup>50</sup> Disponível em: <http://atendimiti.wordpress.com/2012/11/22/carta-capital-21-11/>

<sup>51</sup> Via e-mail pessoal entre os dias 28 de março e 17 de junho de 2011.

técnicos/didáticos dessa tese – nos quais os desenhos também são de meninos e diz estar trabalhando com esses conceitos.

A pedido da professora envio trabalhos já realizados sobre a temática que tenho acesso, para que auxilie o trabalho que ela deseja realizar com seus alunos da licenciatura. Envio também o Caderno de Copas Escolares de GR da FRG para que os alunos estejam atentos que a participação dos meninos já é permitida em alguns eventos de GR no Brasil. Conforme relato de Daniela, ela utiliza os materiais enviados e mostra vídeos de algumas participações de meninos na GR.

A proposta da professora que relato acima, no sentido de sensibilizar os acadêmicos de EFI para as discussões de gênero na GR, é um caminho que considero necessário, corroborando com Terezani (2007) apud Oliveira e Martins (2010). A autora propõe que a visão rumo à desmistificação das relações de gênero deve partir do Ensino Superior, pois os professores das disciplinas esportivas dos cursos de graduação são responsáveis por disseminar a cultura dos respectivos esportes, contribuindo para sua aplicação na realidade prática do graduando. A autora ressalta a importância do respeito que deve existir por parte desses professores pelas relações de gênero, pois suas atitudes servirão de base para a formação de novos conceitos para futuros professores (p. 139).

Em tempo, é importante ressaltar o quanto a prática das ginásticas é favorável para o desenvolvimento, em diversos aspectos, não só para as crianças, mas para jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, com ou sem limitações. Mas ainda falta material disponível, que abordem e discutam a questão das ginásticas e as relações de gênero na prática pedagógica, no âmbito escolar ou fora dele (GAIO, SANTOS, 2010, p. 7).

Por último, ressalto que as ações mapeadas aqui demonstram alguns empreendimentos pessoais, relacionados a professores e professores atentos à inserção dos meninos nas práticas e em competições da modalidade. No entanto, são poucas as iniciativas institucionais que buscam promover essa inserção. A meu ver, é um caminho que deve ser trilhado, buscando sensibilizar as pessoas ligadas à GR, que as práticas de outrora, baseadas no processo histórico e cultural de criação da modalidade, já não mais representam a GR, atualmente, e outras possibilidades de prática, incluindo a participação dos meninos já são possíveis de serem pensadas.

Justificando a afirmação acima, utilizo postagem realizada no *Facebook*, em 03 de agosto de 2013, que apresenta o seguinte questionamento: Conjuntos mistos na GR, qual sua opinião? Logo abaixo, segue a seguinte imagem:

Figura 3 – Conjunto misto de GR



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=553430408025628&set=a.538366362865366.1073741853.246675958701076&type=1&theater>, acesso em 03 de Agosto de 2013.

Apresentando conjunto misto de GR, composto de um menino e quatro meninas, durante Campeonato na França em 2013, a imagem segue a proposta

prevista a nível escolar, da participação dos meninos junto com as meninas em conjuntos, previsto nas Copas Escolares de GR da FRG. Um professor comenta a postagem com as seguintes palavras:

Quem sabe um dia os esportes sejam mistos, contudo, acho que isso ainda vai demorar, primeiro porque os papéis sociais para homens e mulheres ainda são muito bem definidos, segundo que a mídia valoriza muito mais os esportes "masculinos" o que dificultaria a entrada das mulheres já que estas só seriam permitidas se jogassem "como os homens" - bem próximo daquilo que vemos nas aulas de Educação Física Escolar. Outro aspecto que gostaria de levantar é que mesmo que homens e mulheres estejam competindo juntos, nós ainda temos mantido "movimentos masculinos" e "movimentos femininos" - como tem ocorrido no ballet por exemplo. Enquanto a sociedade mantiver a formação das meninas como o "segundo sexo", as mulheres ainda continuarão a ser coadjuvantes nos esportes. E isso é muito difícil de ser mudado, já que, ao não darmos as mesmas condições para as meninas, não há como querer que elas se igualem aos homens. Alguns exemplos são clássicos: meninas que são muito ativas, guerreiras, desordeiras ou até mesmo agressivas são forçadas a se encaixarem no padrão feminino... já meninos que são doces, alegres, disciplinados, ritmados, criativos recebem toda uma gama de discriminações tanto na família como na escola. Por fim, para almejarmos que homens e mulheres joguem, corram, nadem, dancem, enfim, que compitam em conjunto, será imprescindível que meninas e meninos recebam os mesmos estímulos... Talvez um dia.

Encerrando esse capítulo, sobre as repercussões das iniciativas da FRG no universo cultural da GR no Brasil, fica a reflexão necessária de possíveis mudanças a serem pensadas nas práticas ligadas à GR, não só pelas pessoas ligadas a modalidade, mas também pelos órgãos competentes, responsáveis pela regulamentação das competições de GR.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas as descrições e análises dos capítulos anteriores, apresento as minhas considerações finais dessa tese, buscando sinalizar novas possibilidades de prática da GR, em especial aos meninos, rompendo com o trato da GR de forma linear, fixa e excludente.

Primeiramente, julgo importante salientar que dentro da perspectiva metodológica assumida – pesquisa-ação – é prevista uma quinta etapa em sua realização, que propositalmente não foi apontada no capítulo referente à metodologia. Essa última etapa de uma pesquisa ação é composta por: reflexão, interpretação, integração dos resultados e replanificação (THIOLLENT, 1998). E é justamente essa etapa que apresento nas linhas finais dessa tese, pois é necessário revisitar o processo proposto nessa pesquisa e perguntar: O que será feito agora? Quais modificações introduziremos? Como melhorar nossas ações?

Antes de problematizar as questões acima, creio ser imperativo demonstrar que a pesquisa aqui proposta possui limitações. Primeiro por se tratar de um tema ainda pouco discutido, academicamente, e também no universo cultural da Ginástica Rítmica. Um diálogo entre a teoria e a prática se faz necessário a fim de buscar um maior entendimento de ambas as partes. Às/aos pesquisadoras/es cabe a busca de uma linguagem que faça e dê sentido ao início da prática da GR para meninos no Brasil, tendo em vista a construção histórica e cultural da modalidade para/de para mulheres e feminina. Aos envolvidos diretamente na prática da GR (atletas, professores, técnicos, árbitros, dirigentes) cabe a compreensão de que hoje em dia é fato que existem meninos praticando GR e que, cada um em sua esfera de trabalho (escolas, clubes, federações, etc) deve estar atento ao processo de inserção dos

meninos nas práticas e em competições da modalidade, estando comprometidos em ampliar as possibilidades pensadas para a GR nos dias atuais.

A segunda limitação que percebo se trata de não ter envolvido de maneira mais direta o público que faz parte dos processos relativos à construção de regulamentos oficiais de GR, ou seja, as mulheres que hoje são a grande maioria. Sejam elas atletas, árbitros, técnicas ou dirigentes, não houve nessa tese a intenção de envolvê-las diretamente na construção dos regulamentos propostos. Algumas acabaram engajadas nesse processo, participando da dinâmica de “Seminário” dessa pesquisa-ação, ou seja, estavam inseridas no grupo GR para meninos no Brasil do *Facebook*. Acredito que essa é uma maneira interessante de dar continuidade a essa pesquisa: inserir as pessoas que fazem parte do universo cultural da GR na implantação de regulamentos que contemplem a participação dos meninos. Afirmo que essa “não inclusão direta” foi intencional por entender que esse “grupo” que hoje pratica a GR no RS é ainda, em sua maioria, resistente a essa mudança. Era necessário que, num primeiro momento, fosse dada visibilidade à participação dos meninos – o que foi feito nessa tese – para agora, ser possível pensar em ampliar e multiplicar a discussão aqui proposta.

Baseada no aporte teórico-metodológico apresentado nesta tese busco, então, apresentar a possibilidade de representação de um/uma atleta de Ginástica Rítmica PLURAL, potencializando ações que permitam a participação de meninos em competições da modalidade no Rio Grande do Sul.

Se, quando do início da prática da modalidade ela havia sido pensada dentro de uma lógica essencialista – para mulher e feminina, com o passar dos anos, as mudanças nos códigos de pontuação, o aumento das exigências técnicas – e um consequente aumento de carga/volume de treinamento – fez com que se ampliassem também as possibilidades de diferentes expressões de movimentos gímnicos por

diferentes estilos de atletas. Porém, é preciso trazer à discussão as limitações que emanam de diferentes contextos, sociopolíticos, econômicos, culturais e que tornam visível o grau de complexidade dos processos e tentativas de inovação. Busco assim, contribuir para a formação de profissionais conscientes e comprometidos em mudar a si mesmos, suas práticas educativas e as situações contextuais as quais fazem parte.

A Ginástica Rítmica já vem sendo praticada por meninos em diferentes países como a Espanha, onde já há a realização de campeonatos nacionais para eles, nas mesmas regras usadas para as meninas.

No Brasil, as meninas já possuem uma grande rede de profissionais e atletas mobilizados em torno da modalidade, responsáveis pela realização de campeonatos, torneios, festivais e cursos específicos para a modalidade. Esse grupo é liderado pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), que é responsável técnica pelo desenvolvimento das diferentes modalidades gímnicas – olímpicas e não olímpicas – em nosso país. Seguidora das diretrizes da Federação Internacional de Ginástica (FIG), a CBG ainda não reconhece, oficialmente, a prática da GR por meninos, mas tem permitido iniciativas isoladas, como a pesquisa-ação proposta nessa tese.

Após descrever e analisar os movimentos propostos dentro dessa iniciativa nos capítulos anteriores, percebo que a distinção feita entre as iniciativas institucionais e as iniciativas pessoais é uma questão que merece um desfecho com AÇÃO e não somente PESQUISA e, por esse motivo, opto por finalizar essa pesquisa com uma manifestação direta à Confederação Brasileira de Ginástica, apontando as questões mais relevantes discutidas nessas páginas sobre a participação de meninos na prática oficial de Ginástica Rítmica<sup>52</sup>. Desse modo, acredito estar dando os

---

<sup>52</sup> Após a defesa da tese e a devida revisão, cópia da versão final será enviada à CBG, acompanhada de ofício da FRG propondo a criação de naipes masculinos em campeonatos e torneios nacionais de Ginástica Rítmica.

primeiros passos na direção da institucionalização das iniciativas pessoais para que o ato de ensinar GR aos meninos deixe de ser somente uma vontade ou um desejo pessoal de alguns e, passe a fazer parte das possibilidades motoras dentro do programa de Educação Física escolar e também das competições oficiais da modalidade.

Finalizo essa pesquisa dialogando a revisão de literatura dos livros técnicos/didáticos com o material empírico apresentado. Aponto que a prática escolar livre de diferenciação quanto ao sexo já está dada como parte importante no processo de ensino-aprendizagem de diferentes capacidades motoras pelas crianças. Os autores citados explicitam que em idade escolar, as atividades relacionadas à GR contribuem para a ampliação do repertório motor dos/as alunos/os. As possibilidades de movimentos corporais e também as relacionadas ao manuseio dos aparelhos oficiais – ou mesmo aparelhos adaptados –, relacionados com os imagináveis acompanhamentos musicais, são objetos de inúmeras iniciativas criativas que podem partir tanto dos professores/as, quanto dos próprios alunos/as.

Com a ação da Federação Riograndense de Ginástica de incluir os meninos nas Copas Escolares, mais do que incentivar que a GR seja praticada na Educação Física Curricular, há o estímulo à participação de meninos e homens nas aulas de iniciação esportiva específica da modalidade, normalmente oferecidas em clubes ou por em colégios por empresas terceirizadas e normalmente fora do horário escolar (configuram como as conhecidas atividades extraclasse).

Começando pelo incentivo escolar e a iniciação há um horizonte de perspectivas a ser construído, afinal é uma cultura e uma história sobre GR que foi produzida e reproduzida durante anos e que aos poucos, se propõe pluralizar. É necessário investimento em iniciativas que busquem ampliar as possibilidades de prática da GR, incluindo nela os meninos. Por outro lado, em se tratando de GR de

alto rendimento, pouco se fala sobre o incentivo a prática competitiva aos meninos e pouco também se faz ver em iniciativas concretas no Brasil.

Através de análises e observações creio ser possível de ser pensada a inclusão dos meninos em práticas competitivas em GR no Brasil. É um esforço que demanda energia e empenho dos envolvidos e muita dedicação por parte dos nossos futuros ginastas, sejam eles fortes e/ou suaves, belos e elegantes. Que possam ser meninos ou meninas, mas que acima das marcações de gênero, possam ser ginastas de excelente qualidade técnica, treinados/as por professores/as interessados/as, avaliados por árbitros qualificados e orientados/as por dirigentes comprometidos/as com o desenvolvimento esportivo da Ginástica Rítmica de nosso país.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. O bailarino self-made: trajetórias do masculino na dança. In: **Anais 33º Encontro ANPED**. Disponível em: [HTTP://www.anped.org.br/33encontro](http://www.anped.org.br/33encontro)

ANTUNES, Heverton Tonani, REIS, Bruna Barros dos, SANTOS, Flávio Costa. Preconceito aos meninos na prática da Ginástica Artística. **MOVIMENTUM – Revista Digital de Educação Física – Ipatinga:Unileste-MG – V.3-N.1 – Fev./Jul. 2008**, p. 1-18.

AMORIM, Helenice Zotto; TEREZANI, Larissa; SANTOS, Eliane Virgnínia Nobre dos. Estudos dos aparelhos Maças e Fita. In: GAIO, Roberta (Org.). **Ginástica rítmica: da iniciação ao alto nível**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 121-147.

BARBIER, Renée. **Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1985.

BRACHT, Valter *et al.* A prática pedagógica em Educação Física: A mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002.

CARETA, Liliane Brümiller. **Exclusão de atletas do sexo masculino em competições nacionais de ginástica rítmica**. Monografia (Conclusão de Curso) - Centro Universitário Vila Velha, Vila Velha, ES, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CESÁRIO, Marilene; PALMA, José Augusto; SALLE, Talita Rugai. A ginástica rítmica como um dos saberes do currículo escolar. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 3., Campinas, 2005. **Anais Fórum Internacional de Ginástica Geral**. Campinas, 2005.

CORAT, Larissa; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Análise da concepção de corpo na ginástica rítmica: um estudo dos manuais de 1932 a 1958. **Recordes: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, jun. 2012.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GAIO, Roberta, GÓIS, Ana Angélica. As ginásticas de ontem e hoje: um estudo de gênero. **Anais do 7º Fazendo Gênero**, 2006. Disponível em: [HTTP://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/gaio-gois\\_21.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/gaio-gois_21.pdf).

GAIO, Roberta. Ginástica Rítmica para tu, eles e nós. In: GAIO, Roberta (Org.). **Ginástica rítmica: da iniciação ao alto nível**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 15-30.

GAIO, Roberta; SANTOS, Ana Paula. Ginástica e discussões de gênero: a ginástica rítmica na formação profissional em educação física. In: Congresso Fazendo Gênero, 9., 2010, **Anais Fazendo Gênero 9**, Florianópolis, 2010.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GIL, Juana Maria Sancho. Inovação e investigação educativa: aproximação a uma relação incerta. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Souza, MOLINA NETO, Vicente. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomas Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2; p. 171-196, maio/ago. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura fitness. In: **Seminário Feminismos: Epistemologias e História**, 2006, Porto Alegre.

GOIS, Ana Angélica Freitas. O ritmo no processo ensino aprendizagem da Ginástica Rítmica. In: GAIO, Roberta (Org.). **Ginástica rítmica: da iniciação ao alto nível**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. p. 77-88.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

KRAUSE, Ingeborg Ingrid. **Código de Pontuação de Ginástica Rítmica Desportiva**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1989.

LANCELLOTTI, Sílvio. **Olimpíadas 100 anos: história completa dos jogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LEBRE, Eunice; ARAÚJO, Carlos. **Manual de ginástica rítmica**. Porto: Porto, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal, o “diferente”, o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe, GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Por que estudar gênero na era dos cyborgs? In: GALLI, Tânia Mara, FRANCISCO, Deise Juliana (Org.). **Formas de ser e habitar na contemporaneidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, jan./fev. 2004.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Sinodal, 2000.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informação na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Souza, MOLINA NETO, Vicente. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, Tiago Xavier de, MARTINS, Maria Teresa Bragagnolo. O desenvolvimento da ginástica rítmica masculina no Brasil, sob um ponto de vista

histórico, acadêmico e cultural. **Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição**. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2010

PALLARÉS, Zaida. **Ginástica rítmica**. Porto Alegre: Prodil, 1983.

PEUKER, Ilona. **Ginástica moderna com aparelhos**. São Paulo: Difel, 1976.

PEUKER, Ilona. **Ginástica moderna sem aparelhos**. Rio de Janeiro: Fórum, 1974.

RÓBEVA, Neska, RANKÉLOVA, Margarita. **Escola de campeãs: ginástica rítmica desportiva**. Tradução de Geraldo de Moura. São Paulo: Ícone, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

VIEIRA, Ester de Azevedo. **Ginástica rítmica desportiva**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

## APÊNDICE A - CARTA ELDORADO

DE : SEC. EDUCAÇÃO E CULTURA

NO. DE FAX : 05134991665

13 JUL. 2011 04:28PM PP



**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**  
**PREFEITURA MUNICIPAL DE ELDORADO DO SUL**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA**  
**DESPORTO, LAZER E TURISMO**

OFÍCIO SMEC N. 0129-11

Eldorado do Sul, 13 de julho de 2011.

A/C

Professor Doutor Flávio Antônio de Souza Castro  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano  
ESEF - UFRGS

Pela presente informamos que a aluna de doutorado Johanna Coelho von Mühlen, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está autorizada a realizar observações sistemáticas dentro das aulas de Ginástica Rítmica ministradas por nossa instituição.

Sabemos que nossa instituição tem a intenção que seu nome seja utilizado na referente pesquisa, atualmente intitulada “A inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica: perspectivas e desdobramentos”, não sendo necessário anonimato tanto da instituição, quanto do(a) professor(a) responsável pelas aulas que serão observadas.

Informamos, ainda, que o cronograma de observações será posteriormente acertado com a(o) professor(a) responsável, de acordo com a disponibilidade de ambos. O período de observações está previsto ocorrer durante um ano após a aprovação do projeto de doutorado pelo Comitê de Ética da UFRGS, podendo sofrer alterações de acordo com interesse mútuo.

Fica acertado entre a aluna e a instituição, que após a conclusão do estudo, será entregue cópia do material escrito produzido.

Para eventuais dúvidas e/ou esclarecimentos, colocamo-nos a disposição através do telefone (51) 3499.6475.

Atenciosamente,

  
**Ana Nazaré da Silva Gonzalez**  
**Secretária da Educação, Cultura,**  
**Desporto, Lazer e Turismo**

## APÊNDICE B - CARTA ACM

*Associação Cristã de Moças do Rio Grande do Sul*

Avo Washington Luiz, 1050 - Tel/fax: (51) 3213-6000  
90010-460 - Porto Alegre - RS - Brasil  
www.acm-rs.com.br - acm@orm-rs.com.br



Esteio, 28 de julho de 2011.

A/C

Professor Doutor Flávio Antônio de Souza Castro  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano  
ESEF - UFRGS

Pela presente informamos que a aluna de doutorado Johanna Coelho von Mühlen, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, está autorizada a realizar observações sistemáticas dentro das aulas de Ginástica Rítmica ministradas por nossa instituição.

(X) Salientamos que nossa instituição tem a intenção que seu nome seja utilizado na referente pesquisa, atualmente intitulada “A inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica: perspectivas e desdobramentos”, não sendo necessário anonimato tanto da instituição, quanto do(a) professor(a) responsável pela aulas que serão observadas.

(2) Salientamos que nossa instituição não tem a intenção que seu nome seja utilizado na referente pesquisa, atualmente intitulada “A inserção dos meninos no universo cultural da Ginástica Rítmica: perspectivas e desdobramentos”, sendo necessário anonimato tanto da instituição, quanto do(a) professor(a) responsável pela aulas que serão observadas.

Informamos, ainda, que o cronograma de observações será posteriormente acertado com a(o) professor(a) responsável, de acordo com a disponibilidade de ambos. O período de observações está previsto ocorrer durante um ano após a aprovação do projeto de doutorado pelo Comitê de Ética da UFRGS, podendo sofrer alterações de acordo com interesse mútuo.

Fica acertado entre a aluna e a instituição, que após a conclusão do estudo, será entregue cópia do material escrito produzido.

Para eventuais dúvidas e/ou esclarecimentos, colocamo-nos a disposição através dos telefones (51) 3468 6301 (51) 3463 3520 Centro REFAP Cidadã e ACM Esteio (51) 3473 64226.

Atenciosamente,

Roco Cosenza Rímolo  
Presidente ACM - RS

**APÊNDICE C- DVD PARTICIPAÇÃO DOS MENINOS EM EVENTOS DA FRG**